

Oferta

-O. NOV. 1993

ANO III N.º 148
16
MARÇO
1944
PREÇO AVULSO
ESC. 1\$50

Leia neste número uma
A artista da Ra
Cidália
ameaçada

Col.ão de
Mr. Dr
3
Maer 22.73. -A
3



**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

À ESPERA...

QUE se passa? É fora de dúvida que, em simultaneidade com uma fase em que se mostram as chancelarias particularmente activas, se mostram, pelo contrário, singularmente parcimoniosos os comentadores, do mesmo passo que as operações militares — exceptuado o que se passa ao longo da pluriquilométrica frente russa — estão longe de se desenvolver naquele ritmo de veemência que poderia fazer supor a monstruosa aglomeração de materiais e de efectivos. No que diz respeito à reserva estrita com que tem sido feito, ultimamente, o comentário da guerra, basta apontar as palavras com que Churchill se referiu à intervenção de um deputado que se referiu ao caso da cedência de barcos à Rússia, notícia que, aliás, foi dada primeiro nos Estados Unidos do que na Inglaterra. Como o deputado tivesse estranhado o tom de singeleza com que os jornais ingleses se referiram ao caso, o Primeiro Ministro explicou que só havia razões para se felicitar por isso. E não deixa de ser curioso recordar o episódio ocorrido por ocasião da conferência do Cairo, que suscitou também um momento de polémica, sobre o Atlântico, entre as duas capitais onde se fala língua inglesa. A regra é a da discreção. Cada qual a aplica como sabe e pode — apenas se tendo de anotar o carácter variante do que se considera mínimo. Questão de clima...

Entretanto, é manifesto que se mantém o problema suscitado pela sondagem finlandesa sobre as condições em que poderia sair da guerra. A questão está longe de se poder considerar arrumada — e isto só quer dizer que não está posta de parte. As negociações entre Helsinquia e Moscovo prosseguem, com fulcro principal na capital sueca e encorajadas de vários lados — e na própria Suécia não se esconde à Finlândia o sentimento de compreensão, porventura de alívio e talvez até de agrado — que despertaria o termo da guerra entre russos e finlandeses.

No meio de tudo, sente-se que há qualquer coisa no ar. O quê? Quem está de fora — e somos todos, porque segredo não ressuma das chancelarias, sejam elas estofadas de damasco ou blindadas de aço bem temperado — dificilmente se liberta da idéia de que existe esta qualquer coisa. Falta de entendimento entre os associados? Ou, pelo contrário, entendimento tão íntimo que tudo se prepara, tudo se passa como se nada se passasse? A época própria para as grandes operações anfíbias pode considerar-se como já estando a decorrer. Sempre, no tempo de todas as guerras, se passaram os invernos a anunciar ofensivas de primavera. E a estação das flores está por dias... Em 1940, quando a Alemanha empreendeu a sua opulenta e bem sucedida acção sobre a Noruega, o calendário marcava os primeiros dias de Abril. Precisamente esta quadra Março-Abril é a que marca o alívio nas brumas que cobrem o bulhoso mar do Norte. Eis-nos chegados à altura em que vai tentar-se o grande empreendimento para o desembarque na costa ocidental da «fortaleza europeia»? A operação pode ter já a data marcada ou estar tudo a postos, à espera que os observatórios anunciem: dia tal, condições tais e tais de tempo, ondulação e nebulosidade. As tais condições de que os comandos podem já estar à espera para ordenar o seu irremediável: «E agora!»...

J. R. S.

FRANÇA

Aga Khan em Saint-Moritz

HÁ meses, os jornais fartaram-se de falar de Aga Khan, um milionário exótico que passeia os seus milhões, o seu orientalismo e excentricidades pelo mundo. E a razão dos muitos artigos na imprensa foram, precisamente, por causa do seu divórcio. Aga Khan casara com uma «midinette» e acabara por se cansar da sua bizarrria. Depois, o mundo continuou a girar — e ninguém mais falou do milionário nem da ex-«midinette».

Agora, porém, os jornais suíços, que nos dizem que a esposa está na Suíça com a filhinha, dão-nos esta foto.



O velho marajá faz desporto de inverno em Saint-Moritz. Aqui está, de grandes óculos e bem agasalhado, ao lado de uma linda rapariga. Será outra senhora Aga Khan?

ALEMANHA

Uma dirigente para 30 milhões de alemães

A senhora Gertrud Scholtz-Klink é hoje uma das mais poderosas mulheres de todo o mundo. Basta dizer que manda em cerca de 30 milhões de alemães — fora as outras que estão para lá das fronteiras do Reich. A sua acção exerce-se em todos os sectores: diz como devem vestir-se, como devem cozinhar ou como devem conduzir-se em casa, segundo as circunstâncias produzidas pela guerra. O principal organismo da sua direcção é o Frauenschaft, com um corpo de elite, composto de 50 mil mulheres e cuja acção vai até às mais pequenas vilas. As crianças e a cozinha são a maior preocupação da sr. Klink — não haverá quem duvide das suas apreensões, se reconhecermos que um país em guerra tem de pensar não só nos homens que serão entregues à metralha — mas nos homens de amanhã, que são a nação futura.

Enfim, a mística da reprodução é sempre mais forte. E, assim, se, passados 18 meses sobre o casamento, a esposa não é mãe — recebe a visita de um membro do Frauenschaft que lhe fala das obrigações patrióticas da maternidade e a convida a visitar o médico, no caso da jovem esposa se queixar de esterilidade. Se se queixa de dificuldades financeiras, então a assistência social entra em acção. Quanto à propaganda das virtudes da multiplicação da espécie — essa vem através dos livros, jornais e cinemas.

Uma outra modalidade da acção da sr. Gertrudes Scholtz-Klink estendendo-se aos domínios da culinária. E, aí, são ainda a rádio, o cinema, os jornais, as revistas e as cozinhas móveis que ensinam a preparação dos alimentos. Nenhuma receita pode ser publicada sem que tenha recebido a aprovação do Frauenschaft que, diária e publicamente informa quais as compras que devem ou não fazer-se. E, para o controle, val inespéradamente a todos os prédios e casinhotos uma inspectora que lança uma vista de olhos pelas cozinhas, a fim de ver o que se coze nas panelas, o que se guarda nas prateleiras e, sobretudo, o que se esconde na dispensa.

A história da sr. Klink, esposa de um modesto médico de aldeia, abandonado para que essa mulher enérgica se votasse à acção e à criação do novo regime, é das mais admiráveis e vem referida nos jornais suíços.

Gertrud Scholtz-Klink encontrou Hitler, pela primeira vez, em 1932. O Führer apresentou-lhe o plano de uma organização feminina, mas ela observou-lhe que a mulher não devia meter-se na política, mas em questões puramente femininas. A partir de 1933, Gertrud Klink começou, então, a desenvolver a sua acção

junto dos grandes chefes políticos, e pôde lançar as bases de uma grande organização, mais tarde consagrada. Ao fim de alguns meses, deixou a sua obscura residência e foi instalar-se num dos bairros mais elegantes de Berlim, num edifício de 30 divisões.

Hoje, ela veste-se com a simplicidade das camponesas — ideal nazi, no que respeita à feminilidade — dando, assim, o exemplo da sobriedade, da elegância e da economia. Vive com as duas filhas, rodeada por um corpo de S. S., tão impressionantemente guardada como qualquer grande chefe político — enquanto o Dr. Scholtz continuou a exercer medicina na sua aldeia provinciana. Chegaram a pedir-lhe para vir para Berlim mas o Reichsfrauenführerin opôs-se sempre a esse propósito, até que o médico morreu.

Depois da guerra, a influência da sr. Scholtz aumentou, porque tem agora que velar, não só pela moral feminina, como regular o seu trabalho, na substituição dos homens que partem para o campo de batalha.

Por duas vezes, a sr. Scholtz foi ao estrangeiro: a primeira, para visitar a Inglaterra — foi hóspede de «lady» Asquith — onde as maneiras enfáticas dos ingleses a desapontaram; a segunda, para visitar a Suécia, onde também achou que nada tinha a aprender. Por esse motivo, renunciou às grandes viagens diplomáticas e consagrou-se inteiramente ao trabalho a favor da mulher alemã.

E tudo a guerra leva...

PARA justificar algumas dificuldades manifestadas na Alemanha, no que respeita a fornecimentos do seu exército, a imprensa alemã publicou há pouco alguns números astronómicos, relativos aos dispêndios na frente oriental. Assim, segundo essa mesma imprensa, cada divisão consome por dia um mínimo de 7 toneladas de víveres, assim descritos: 8.000 pães mais de 800 quilos de manteiga, 1.600 quilos de queijo, 640 quilos de açúcar, 160 quilos de café puro e 320 quilos de ersatz — fora a carne, o arroz e as batatas...

Por outro lado, cada divisão consome diariamente 96.000 cigarretes, ou 54.000 cigarros, ou, ainda, 400 quilos de tabaco.

Quasi tudo isto tem de ser tirado da Alemanha e da Polónia, porque dos terrenos ocupados na Rússia, nada se salvou: os russos destruíram os depósitos de víveres, sempre que não puderam transportá-los nas retiradas...

ESTADOS UNIDOS

De soldados rasos a oficiais

DEPOIS que o exército dos Estados Unidos começou a aumentar nos seus efectivos — portanto, a partir do Outono de 1940 — passando de um escasso meio milhão de homens para alguns milhões, milhares de soldados foram retirados das fileiras e submetidos a uma intensa preparação nas escolas de aspirantes a oficiais, onde obtiveram os galões de 2.º tenente.

Este programa tem sido executado sempre em crescendo, de modo que o acesso às promoções seja contínuo. Só para 1944, a quota de oficiais graduados foi de cerca de 150 mil, muitos dos quais comandam já unidades em campanha.

Cada aspirante prepara-se para a sua especialidade — ou seja: infantaria, engenharia, forças blindadas, artilharia, corpo de sinalização e de intendência, etc. Ao solicitar o seu ingresso numa escola de oficiais, acompanhado da recomendação do

chefe, o candidato sabe já que só será aceite se prestar boas provas perante a junta militar que lhe exigirá qualidades marciais, resistência física, boa conduta moral e dotes de comando.

Durante os três meses de aprendizagem, o aspirante a oficial tem de demonstrar ser capaz de fazer quanto mais tarde deverá exigir dos seus homens em campanha. Sujeta-se, para tanto, a intensa instrução, sendo as classificações dadas depois pelos instrutores e companheiros, pois os estudantes também exercem, por turno, funções de instrutores.

Finalmente, os galões serão ganhos — mas pelas razões, apenas, que o autorizaram a frequentar a escola: pelos seus próprios méritos. De facto, só assim é possível criar um corpo de «elite», num exército que está constantemente a ser renovado — e desfalcado nos seus melhores elementos.



INGLATERRA Na encruzilhada de três continentes...

O CANAL DE SUEZ E O TÚNEL DE SUEZ

O homem é um louco estranho e ambicioso. Não tem conta, nem limite as suas ambições pretenções. Que pretende? Dominar todas as forças, dominar, transformar a própria natureza, dominar tudo—menos dominar-se a si próprio...

Onde vai o vento? Vá para onde for, é preciso captá-lo. É força que corre e se perde. É preciso conjurá-la. Assim como aos mares. Aos rios que correm e irrigam os campos: levá-los para onde mais a sua água possa crescer em benefícios. Ou, mesmo, para lhe captar as energias tormentosas e torrentosas.

O homem—senhor do seu pensamento e escravo dele—arvorava-se em senhor do mundo e centro de todas as actividades. Por muito que se considere que tal estado de espírito pode provir de um exagêro de orgulho, a verdade é que se a harmonia da natureza assume características verdadeiramente de milagre, o engenheiro humano não faltam realmente razões para se orgulhar: o homem consegue dominar, transformar e pôr ao seu serviço a própria natureza. Onde braços de terra impedem que sigam o seu curso mais fácil, curto e rápido as linhas de navegação, o homem lança-se ao trabalho e rompe canais navegáveis. Onde montanhas se elevam a pôr obstáculo a que estradas e vias férreas se endireitem ao objetivo, abrem-se túneis. E até se rompem túneis submarinos.

O século passado foi o começo de grandes obras de engenharia. Foi o século da máquina a vapor. Abriam-se, então, obras famosas. No capítulo de canais, nada menos que o de Suez e o do Panamá se seguiram um ao outro. O primeiro deu saída à navegação do Mediterrâneo para Oriente. O segundo abriu passagem do Atlântico para o Pacífico. Num como noutro caso, procurou-se e conseguiu-se evitar as prolongadas rotas meridionais, que obrigavam a contornar o cabo da Boa Esperança e o cabo Horn. Num e noutro caso, o mundo assistiu a polémicas tremendas, que degeneraram em pugna aberta. Mas num e noutro caso, ainda, a importância das obras, o seu valor, a medida quase incalculável dos seus benefícios fizeram calar todas as inquietações. Nada como o tempo para dar razão a quem a tem e pôr ponto final a todas as dúvidas e incertezas.

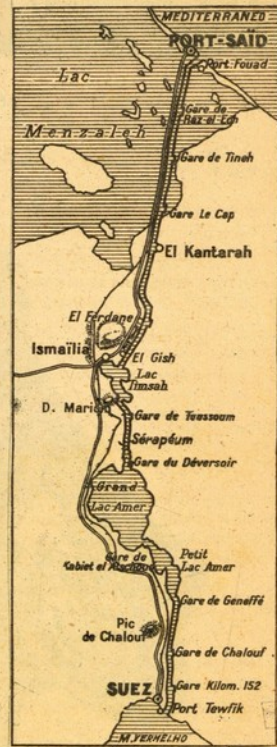
No fundo, entre o pelourinho e a

glorificação, o caminho não é longo: tão curto como do Capitólio à Rocha Tarpeia. Basta percorrê-lo ao contrário...

O pior (mas será realmente o pior?...) é que nunca a obra tem fim. Eternamente o homem se consagra a novos devaneios e experiências. Essa é, afinal, a própria marca do progresso, pautada nessa

constante ansia de insatisfação. Que mais vale? Cada época a sua experiência...

Quando as areias escaldantes do deserto de Suez ligavam, numa charneira de fogo, os três continentes—Europa-Ásia-Africa—o sonho do homem foi abrir caminho ao mar, arrancar as areias, solidificar diques vigorosos, dar caminho aos na-



Carta das principais secções do canal, desde Port-Saïd a Suez.

vios. Como escrevia Trindade Coelho, eparecendo separar os homens, o belo destino do mar é retilíneo. E o mar passou. E os navios sobre o mar. A Rainha Vitória passou à história por muitas coisas. Entre elas, precisamente, por se ter aberto o Canal de Suez. O mundo rejubilo. A Inglaterra—principalmente. Era a rota das Índias—a estrada imperial—que se encurtava de milhas e milhas.

Depois disso, pelos anos fora, o canal alargou-se. Noutros tempos, salvo na passagem dos lagos, quando dois navios se cruzavam, um deles era obrigado a recuar-se a um refúgio, para dar passagem ao outro. Hoje, a largura do lago, mesmo nos pontos mais estreitos, foi ampliada para um mínimo de 60 metros, o que é bastante para assegurar a passagem simultânea de dois barcos mesmo dos de maior tonelagem.

Agora, porém, surge um projecto que se pode considerar famoso—quasi tão famoso como terá sido o da abertura do canal—e que consiste, precisamente, em repôr a situação existente antes da passagem das águas. A rotura do istmo de Suez, com efeito, se deu passagem à navegação, interrompeu o tráfego terrestre. O novo projecto, mantendo o canal, pretende, entretanto, restabelecer as comunicações por terra, mediante a abertura de um túnel submarino por onde passem estradas para automóveis e via-férrea para combóios. O projecto, porém, ao que dizem os telegramas, é para ter execução depois da guerra.

Outros projectos do mesmo teor, mas de muito maiores proporções, têm entretido as atenções dos técnicos. Um deles ligará algumas ilhas do arquipélago do Dai-Nipon. Com outro, pretende-se ligar o continente asiático ao continente asiático, através de um túnel de 50 quilómetros sob o estreito de Beríng.

Mas isso—é para um dia... Quando a guerra acabar, os homens ainda terão lugar, no espaço das novas preocupações, dos mil planos que hão-de surgir, para se preocuparem de idéias nascidas em tempo de guerra?

Seja como for, o caso do Suez, erguido pelo engenho de Lesseps, e cuja figura, em bronze, se ergue à entrada do canal, como se vê na foto—não deixa de ser típico. Depois da grande obra do Canal—o grande projecto a que se pode chamar do «anti-canal»...

MARROCOS

Unidade do Império Colonial

A França chefiada por De Gaulle procura alicerçar a unidade do seu império colonial, sob a égide de uma nova política a que não falta nacionalismo e um espírito de generosa compreensão das verdades eternas do patriotismo. Os discursos trocados recentemente entre Massigli, comissário dos Negócios Estrangeiros, e o Sultão de Marrocos mostram até que ponto a compreensão dessas realidades existe presente nos espíritos de todos.

Massigli, nesse discurso, afirma que o exército francês, reequipado e forte, em breve marchará, ao lado das Nações Unidas, a libertar o território metropolitano, numa campanha em que as tropas marroquinas, de tão belas tradições, terão o largo papel que lhes compete.

A obra do marechal Lyautey foi invocada no meio da consagração de um Marrocos moderno, com suas cidades, portos, vias-férreas e indústrias a que franceses e marroquinos prestaram o melhor da sua colaboração.

Em todos os domínios, Marrocos desenvolve os seus esforços para uma mais larga contribuição a favor da guerra. O protectorado sabe que a causa lhe exige grandes sacrifícios—mas Marrocos, diz Massigli, está disposto a sacrificá-los pela França, porque assim defenderá a prosperidade que os franceses garantem para depois da guerra.

Em resposta ao discurso de Massigli, o sultão de Marrocos, que recebia em Rabat o colaborador de De Gaulle, disse que é a defesa do mes-

mo património—o francês— a razão mais forte da compreensão franco-marroquina, verdadeiro milagre de Lyautey que soube criar um monumento a cuja sombra todos hoje podem acolher-se.

Por isso Marrocos segue o destino de uma França-Livre e forte—onde quer que ele esteja; por isso Marrocos que tem gozado os benefícios do progresso por intermédio da França espiritual, hoje dirigida do norte de Africa pelo general De Gaulle irá onde o chamarem.

O discurso terminava: As nossas saudações para o chefe do movimento de libertação, cuja acção daqui a-ompanhamos confiadamente e comovidos.





FRANCISCO LAGE

UMA tarde, Paris — o luminoso Paris de antes da guerra — quedou-se de espanto ante um vulto, de monóculo, que se abrigava sob um imenso chapéu braguês e que se envolvia numa formidável capa negra — como um conjurado das cenas de ópera. Paris embasbacou; a circulação deteve-se; o ministério reuniu. Aquêlle incomensurável chapéu e aquela incomensurável capa que tinham perturbado a França escondiam um português. Esse português chamava-se Francisco Lage. A capa e a chapéu pertencem hoje ao Museu da História: só o monóculo persiste nêlle como permanente reflexo da transparência e do brilho do seu espirito. Escritor, dramaturgo, etnógrafo, mestre de ironia e de cultura, de erudição e de futilidades, Lage possui ainda uma virtude rara: é um cozinheiro excelente. Se a literatura é a mais espiritual forma de cozinha e a cozinha a mais saborosa forma de literatura, o autor da «Ressurreição» e das «Pragas» soube de tal forma conciliar as duas coisas que é hoje um excelente cozinheiro da Academia de belas-lettras — e um excelente escritor — da Acrópole culinária. Daqui lhe enviamos um abraço, e cá ficamos esperando com a sua próxima peça, uma larga travessa de perdizes assadas — que êle assa como ninguém...

À maneira de Silva Tavares

Que importa mudar de terra?
Que importa os olhos fechar?
Pra toda a parte que vou
Vejo-te sempre... Que azar!

Passarinhos, meus amigos,
Eu sou pássaro brêjeiro
Vós tendes penas nas asas
Eu tenbo-as no meu tinteiro.

Amor se queres um negócio
Pechincha de ocasião,
Don-te um beijo — dá-me um ovo,
Vai abraço — e vem carvão!

Quem inventou a partida
Inventou um caso íctrico:
Quem parte, parte sem vida,
Quem fica — perde o eléctrico...

Falei, falaste, falámos;
Sorri, sorriste, sorrimos;
Namorei-te, namorámos
Casei, casaste — e fugimos!

Nem flor na botocreira
Nem os cravos mais diversos
Nem mesmo a própria Emisora
Valem mais do que os meus versos

A mulher portuguesa

UM estrangeiro illustre perguntou-me, uma vez, se haveria um tipo de mulher portuguesa. Respondi-lhe que sim. E como êle quisesse saber, aliás legittimamente, quais as características dêsse tipo de mulher, recordo-me que architectei, com várias reminiscências, um tipo feminino, um autêntico tipo único, não sei ainda, confesso, se síntese se sobreposição de diversos tipos de mulher das nossas provincias. A pintura devia ter sido múltipla e exuberante porque, a certa altura, êsse estrangeiro illustre comentou, com arguta graciosidade:

— La portugaise n'est pas une femme; c'est vraiment une association de femmes.

Sorri. A verdade, porém, é que apresentando, naquele momento, um tipo, ainda que porventura artificial, característico das nossas mulheres, julgo, em boa consciência, que, sob o ponto de vista patriótico, cumpro o meu dever; sob o ponto de vista científico, não sei. Creio que não. Em Portugal — segundo entendidos na matéria — verificou-se uma lenta e complexa estratificação de raças; deram-se várias infiltrações fenícias e gregas, principalmente no litoral; aqui e além não será difícil encontrar influências germânicas; e de tudo isto resultou, não obstante as reduzidas dimensões do território continental português, uma diferenciação de tipos, por vezes nítida, de provincia para provincia e até — caso curioso — de região para região dentro da mesma provincia. Nas mulheres essa diferenciação acentua-se ainda mais do que nos homens. Um amigo meu, que blazona de psicólogo, dizia-me, uma tarde, vendo passar o filme flamante do Chiado, que tôdas as mulheres se pareciam umas com as outras: simplesmente havia mulheres bonitas e feias, novas e velhas. Para um psicólogo do Chiado esta opinião, com todo o seu ar de paradoxal, chega e cresce; para o antropologista ou para o etnógrafo êste critério evidentemente não basta. Ainda não há muito tive occasião de ler que dir-se-iam separadas por um território imenso a alegre e forte barqueira de Avintes ou a vistosa e sensual mulher da Maia, da elegância esbelta da varina ou da indolência, caracterizadamente árabe, da algarvia. Afirmava-se mesmo mais: que entre a mulher do Minho com o seu traço garrido, as suas arrecadas de ouro, as suas danças alegres, o lenço de ramagens das suas canções e a rústica simplicidade da mulher da Beira ou o recato tímido da mulher do Alentejo, se surpreendiam, não apenas espaços imensos, mas verdadeiros abismos de raças que difficilmente se poderão transportar. E, de certo modo, assim de provincia para provincia e até, repito, de região para região dentro da mesma provincia. Quere dizer: há vários tipos de mulher — mas enquanto não nos decidirmos por um, o melhor — é preferi-los a todos...



SALVAÇÃO BARRETO



O tenente-coronel Salvação Barreto foi escolhido para a presidência da Câmara Municipal de Lisboa. Qualidades não lhe faltam para o desempenho de tão difficil e melindroso cargo. Lisboa que ainda há pouco teve, no Trindade, o «Amor de Perdição», vai ter agora na Câmara — «Um amor... de Salvação». Não se pode dizer que se não progride — em optimismo.

UM TRIUNFADOR



O nosso amigo Vitor Lopes — espirito culto, homem de cinema e de teatro — resolveu, uma bela manhã, fazer-se editor. Criou as edições «Vir». A Misericórdia costuma dar um prémio às terminações. No caso de Vitor Lopes, a Literatura dará o prémio às primeiras letras. Pois encontrámo-lo ontem, e Vitor Lopes, que dantes só se interessava pelas «estrêlas», agora só se interessa por edições. Joga na bôlsa... do livro; só fala... em papéis; e êle próprio está a preparar um livro... de cheques. Espera triunfar. E até há já quem exclame, ao vê-lo: — Vitória, Lopes!

TARDE DE MAIS



O dr. Carlos Amaro é Conservador do Registo Civil em Lisboa. Mas é também um homem de letras de fino espirito. Conta-se que um dia, no exercicio da missão, casou com uma mulher que já tinha ultrapassado, há muito, a casa dos cinquenta.

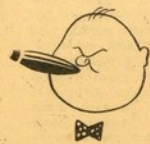
— O seu nome? — perguntou-lhe êle.

— Angélica, senhor doutor.

— Ah sim... Lavrou-se o registo do casamento, e depois dos noivos e das testemunhas terem saído, Carlos Amaro não se conteve que não dissesse para alguém que estava perto:

— Angélica naquela idade? Ai está uma coisa que custa a acreditar...

CONVALESCENÇAS



Churchill discursando, há dias, no Real Colégio dos Médicos, de Londres, disse que tem estado a tratar, desde alguns anos, uma «doente», grave, mas que felizmente, já não está em perigo de vida. Só lhe faltou dizer que a doente irá, em breve, «convalescer» para o norte ou para o sul da França...



Se encontrar uma fera, consulte a lista...

UM dos problemas mais curiosos que os bombardeamentos aéreos desta guerra criaram é o que se refere às feras do Jardins Zoológicos. Na América, para o perigo que representa uma fuga de feras, criou-se um corpo especial de atradores que têm a missão de matar ou de capturar as feras evadidas dos Jardins Zoológicos em consequência dos bombardeamentos.

O Jardim Zoológico de Filadélfia publicou a seguinte relação:

Animais que se devem matar imediatamente: elefantes, leopardos, leões, tigres, ursos, chimpanzés, lobos, búfalos, gorilas.

Animais cuja captura se deve tentar: avestruzes, camelos, cobras, macacos, cangurus, toda a espécie de aves, hienas e lobos domesticados.

As serpentes, no inverno, estão como que dormentes; devem, portanto, ficar onde estão por que morrem se mudarem de sítio. Todavia, em Londres, mataram-se todas as serpentes logo no começo da guerra.

Um pormenor interessante: a maior parte das feras em fuga tendem a regressar ao «Zoo» quando termina o bombardeamento.

Uma desilusão



Em 1916, o cabo húngaro Götz cafu prisioneiro nas mãos dos russos. Empreendeu uma tentativa de fuga do campo de concentração, mas tornou a

ser apanhado e foi levado para a Sibéria, donde conseguiu evadir-se para a Manchúria. Nesse país, escondeu-se numa região remota, longe do mundo, em casa dum camponês. Estabeleceu-se aí definitivamente e casou com a filha do camponês. Há perto dum ano ouviu, pela primeira vez, dizer que a guerra, a de 1914-18, tinha acabado, e, conseqüentemente, resolveu fazer uma visita a Izegedin, sua terra natal. Dito e feito: foi deabalada às regiões habitadas do país onde lhe disseram que, havia muito, outra guerra tinha começado! Não obstante, decidiu realizar a sua intenção. Recentemente, chegou a Izegedin, visitou as pessoas de família que ainda vivem, e dispôs-se a regressar à remota Manchúria, onde se vive feliz, ignorando os sarilhos do mundo e as horas que passam...

Sabe responder?

- 1—Qual foi o primeiro animal a ser domesticado pelo homem?
- 2—Quem foi o inventor do telescópio?
- 3—Quem foi o inventor do fonógrafo?
- 4—Porque se tornou notável Langley?
- 5—Quem foi o autor da ópera «Tristão e Isolda»?
- 6—A que livro pertence este personagem célebre: Margarida Gautier?

(Lela as respostas na página 22)

COCKTAIL

SABE QUEM FOI? PETRARCA!...



EM 1304, na cidade de Arezzo, nasceu Petrarcha, o primeiro e o maior humanista italiano. Mais ou menos ao mesmo tempo que Dante deixou a sua cidade natal, o pai de Petrarcha exilou-se de Florença para ir habitar Avinhão, na França.

Como o jovem Petrarcha manifestasse interesse pelas leis, seu pai pô-lo a estudar jurisprudência, em Montpellier.

Protegido pela família ilustre dos Colonna, Petrarcha alcançou rapidamente um grande prestígio social. Bem cedo reconheceu não estar na jurisprudência a sua verdadeira vocação. Por isso, Petrarcha trocou as leis por uma carreira eclesiástica, onde alcançou o isolamento que lhe permitiu dedicar-se ao cultivo da poesia e do humanismo.

Em 1327 encontrou na Igreja de Santa Clara, em Avinhão, Laura de Nove, uma mulher lindíssima, casada com Hughes de Sade e mãe de onze filhos. Esta mulher foi a musa, a inspiradora de Petrarcha. Pensando nela, amando-a, sentindo-a, escreveu «Rimas» e «Triunfos», poemas líricos compostos em puríssima língua italiana.

Laura, a sua beleza, a sua vida, as suas virtudes, influíram de maneira extraordinária no género do soneto amoroso de que Petrarcha é, sem dúvida alguma, o criador. O «Canzoniere» é nem mais nem menos do que a glorificação de uma mulher.

Mas Laura morreu. Em 1353, numa noite linda, de lindo céu, desaparecia para sempre a inspiradora de Petrarcha. Ninguém melhor do que ele sentiu essa morte. «Pallida no, ma più che neve bianca»... Avinhão tornou-se impossível para Petrarcha. Em cada canto havia uma recordação. E ele partiu. Partiu para longe. A Itália foi o seu refúgio. Aí dedicou-se a desenvolver os seus estudos sobre humanismo, e todo o tempo livre dedicava-o à busca e interpretação de manuscritos, revelando aos seus contemporâneos inéditos de Cícero e as obras de Quintiliano.

A obra de Petrarcha não se limitou apenas à poesia. Deve-se a ele diversos tratados de moral e um ensaio de epopeia do seu tempo: «Africa», uma obra de grande fundo humanista.

Petrarcha morreu em 19 de Julho de 1374. Foi ele o animador do movimento humanístico e o criador da Renascença na Itália.



É tão linda e esbelta esta jovem, não é?... Reparem na elegância dos seus braços, na flexibilidade do seu corpo. Pois apesar de tanta beleza, de tanta elegância e de tanta flexibilidade fujam dela a sete pés se algum dia tiverem o lamentável azar de a encontrar no seu país, a pequena ilha de Ukotila. Sim, porque esta jovem tão linda, tão esbelta, tão flexível já foi a causadora da morte de 27 homens. Chama-se, na linguagem nativa, «Flor do Céu» e pertence a uma tribo selvagem dos Mares do Sul que tem a extravagante mania de matar todos os homens que ousam olhar de frente a «Flor do Céu» — ou «do Inferno» — quando executa as suas danças religiosas. Felizmente, isto só acontece com a «Flor do Céu» — porque é considerada «filha de deuses» e como tal não pode ser olhada por um simples mortal.

O leitor só sabe: se alguma vez se encontrar em frente da jovem e flexível «Flor do Céu», feche os olhos com toda a força se não... ah, se não, em vez de 27 será 28 o número dos pobres infelizes mortos pela beleza rara e esfuziante de «Flor do Céu»!...

Os 10 mandamentos do perfeito paife

(Regra para viver 100 anos)

- 1.—Porque na saúde há permanente possibilidade de doença, podes desculdar-te da tua saúde; trata, porém, sempre bem as tuas enfermidades. Não para as eliminar, mas apenas para que elas não te eliminem. A doença é sempre uma promessa de cura. A saúde é sempre uma grave ameaça à saúde.
- 2.—Nunca te fies na Esperança, que a Esperança é o «Fiado, só amanhã» da Vida.
- 3.—Nunca ames de luz apagada. Quem não é São Tomé no amor, acaba sifilítico, como Dom Juan, ou sem cabeça, como Holofernes.
- 4.—Se tens um único falto, antes de te encostares a um portal é bom ver se ele não está pintado de fresco. Há proprietários que não gostam que se lhes estrague a pintura da casa.
- 5.—Levanta-te sempre de madrugada, que assim terás mais apetite e ficarás mais tempo sem fazer nada.
- 6.—Evita a água o mais possível, quer por dentro, quer por fora.

Ela sempre trouxe desgraça. Bebendo-a, morreram milhões de seres no Dilúvio Universal; banhando-se, sucumbiu Marat.

7.—Quando sentires uma grande tentação de achar a tua vida detestável, toma bicarbonato de sódio — que isso deve ser do estômago.

8.—Se és descrente e pessimista, evita os descrentes e os pessimistas. São casas perigosas, arunchosas e sem alicerces... E prefere sempre desabar sobre os outros.

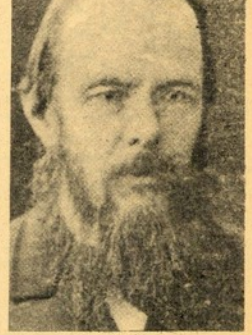
9.—Deixa sempre a parte pior das tuas tarefas para o fim, que nisso imitarás o Criador: a mulher foi a última obra de Deus.

10.—Evita as emoções fortes. Quando estiveres com fome e sem dinheiro, por exemplo, e vires brilhar no meio da rua qualquer coisa redonda que te pareça uma moeda de 5000, não projectes grandes faturas, antes de a apanhar. Bem pode ser uma tampinha de garrafa de cerveja.

(de ERNANI FARNARI)

OS GRANDES ESCRITORES
E A SUA OBRA

É O GENIO UM CASO PATOLÓGICO?



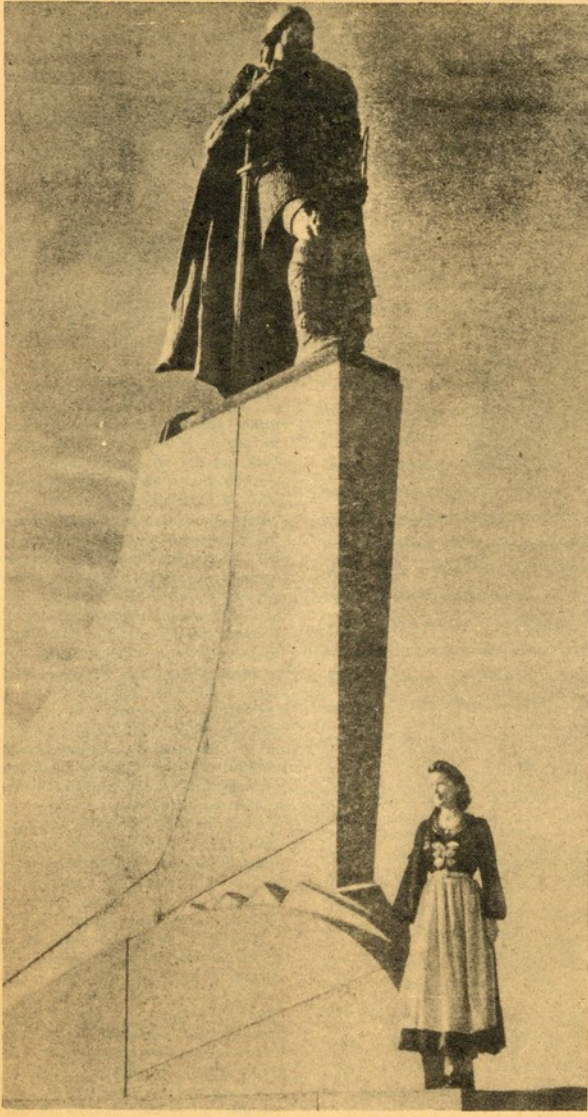
Dostoiéwsky

Os neurologistas concluem que o génio, essa manifestação anormal da inteligência, é um fenómeno aberrativo de intenso desequilíbrio, um acidente perturbador e uma deformação mórbida nas funções do sistema nervoso. Da psicose de Camillo desabrochou uma obra opulenta de observação e de colorido, mas onde fremente em todas as escalas anevrose de angústia, o espectáculo arripiante do sofrimento, aquilo que o desvaio da dor possui de mais frenético, mas também de mais reconduzido e nocturno nos abismos da tragédia humana. Os maiores escritores foram os maiores torturados, e, em grande parte, a sua obra é a projecção dum drama íntimo a cravar implacavelmente as garras brutais da epilepsia nas asas gigantescas do espirito. Em Balzac o poder excepcional de análise não só reflecte uma sensibilidade extremamente aguçada para perscrutar as linhas confusas do subconsciente, como retrata a propensão do autor do «Tio Goriot» para o extravagante, o inadmissível, o extralógico, o que transpira paixões e caracteres descontraídos e desmveladamente psicológico. O sentimento da realidade que demonstrou possuir como uma das forças mais poderosas da sua pena, é calcado pela volúpia de nos mostrar o quadro doloroso das misérias morais do homem, exageradas até ao esgotamento de todos os pormenores. Aquêlle que escreveu «Eugénia Grandet» e a série de romances da «Comédia humana», herdara do pai a excentricidade elevada até à paranóia. Sabe-se que a sua imaginação não podia construir uma página sem que o escritor tivesse os pés numa pequena banheira de água quente e mostarda, e a cabeça envolvida em panos de água fria. Não se sentava à mesa de trabalho sem vestir o hábito de frade, e consumia durante as longas horas da mais intensa excitação mental, todo o café forte que fumejava numa enorme terrina. As principais figuras da sua obra têm idéias e atitudes que se deixam conduzir por um impulso desordenante. Nunca se sabe bem o que querem, tal o tumulto em que se agitam os mais descontraídos sentimentos. Estes «tipos», grotescos na sua aflicção e soberbos nos seus ardores morais, vivem uma existência tortuosa, abafam na eterna aspiração de se evadirem de si próprios, de «não serem êles» com os seus defeitos de caricatura, os seus sonhos inúteis, o inexplicável da sua existência de farsa terrível. As personagens que frequentam a obra balzaqueana movem-se numa atmosfera irrespirável. Aspiram a ter outra consciência, outros instintos, outras idéias. Mas não resistem ao ambiente que as aniquila. A inquietação do escritor — produto dumha hereditariedade doentia — fotografa-se nos seus romances. Balzac confessava que a sua alma passava para a das suas personagens.

Maupassant, até hoje a mais impressionante revelação de contista, um dos mais verdadeiros escritores do século XIX, no dizer de Henri Rodé, foi o narrador prodigioso de extraordinária habilidade que numa obra vastíssima assinalou todas as qualidades superiores do escritor de recursos. Os seus romances, as suas novelas, os seus contos, são um extracto do seu fundo psicológico, verminado por uma tara à superfície da qual identificamos uma neurastenia melindrosa. O travo lascivo das histórias de «La Main Gauche», o sarcasmo sensual de «As Sepulcrais» e da «Casa Tellier», traduzem o cepticismo doentio dum homem que se debate no isolamento, insensível ao amor espiritual. A sua misantropia, a sua incapacidade afectiva, provinham da nevrose que havia de atraí-lo à loucura em que já seu irmão se despenhara.

Chateaubriand, alma tumultuosa e ardente, era perseguido pela ideia do suicídio. Não presentimos nós nas «Memórias de Além-Túmulo» o hábito da sua nevrose? O famoso escritor bretão sofria de movimentos

(Continua na pág. 20)



Estátua de Leif Ericson, em Reykjavik, da autoria do escultor americano Alexandre Sterling Calder, a qual foi oferecida à Islândia pelo governo dos Estados Unidos, em 1930, por ocasião do milénio da democracia islandesa. Leif Ericson foi o descobridor da América.

A América não foi descoberta por Cristóvão Colombo

QUANDO alguém vem, com ar pretencioso, relevar-nos certo facto que envolve coisa de monta e cujo segredo está na posse do alvissareiro, costuma dizer-se, em ar de troca, que esse alguém descobriu a pólvora. É uma expressão bastante vulgar e que traduz acertadamente a caricata figura que aos olhos alheios fazem êses amigos de novas... de barbas brancas.

E já que falamos de barbas, não desperdiçaremos o tema para lembrar que pusemos as nossas de molho, visto que ao anunciarmos no título que a América não foi descoberta por Cristóvão Colombo, podemos muito bem incorrer na risível falta do alvissareiro cujo ridiculo acabou de ser pôsto em foco.

E incorreríamos nessa falta se não dissessemos imediatamente — aquêles, evidentemente, que o ignoram e que são miliares — que a «novidade» que se anuncia é velha, o que não impede, em todo o caso, que ela seja, de facto, uma novidade para a maioria das pessoas que não puderam ou não quiseram familiarizar-se com as particularidades da história. Todos sabem que é correntio dizer-se que a América foi descoberta por Cristóvão Colombo, o que não corresponde à verdade, se bem que isso não diminua o valor da empresa

marítima dêsse navegador cuja pátria ainda hoje não foi possível averiguar. Uns dizem-nos genovês, outros espanhol, e há até quem afirme que êle é nosso compatriota. Mas isso não vem agora para o caso.

Ocupemo-nos do assunto essencial desta crónica.

Mais ou menos — não nos dirigimos às pessoas ilustradas, é claro — todos têm ouvido falar vagamente dos vikings — navegadores escandinavos que há mil anos percorriam os mares levados pelo desejo do combate e da aventura. Eram temíveis êses homens cujo código de honra se assemelhava ao dos famosos cavaleiros andantes. São suas estas máximas: «O homem morre mas a fama vive» e «É preferível morrer com honra a viver sem ela».

Não se sabe se era nativo nêes o espirito de aventura, se foram forçados a procurar na pirataria aquilo que as terras pobres e frias da Escandinávia lhes negava. Estamos em crer que foi mais a necessidade que o irrequietismo que os levou a lançarem-se nas suas arriscadas empresas marítimas. E a prova é que êles, ao assenhorearem-se de uma terra, adaptavam-se aos usos e costumes indígenas, observando aquela velha máxima que prudentemente aconselha: «em Roma sé romano».

A expansão dos vikings atinge o seu período áureo quando as legiões romanas, acossadas pelos nativos das ilhas britânicas, tiveram que abandonar êsse território. Em barcos ligeiros com tripulações de trinta a oitenta homens, os vikings faziam surtidas audaciosas aos territórios que lhes ficavam mais próximos. E se de principio se limitavam a saquear e a incendiar, fazendo-se ao largo em seguida, mais tarde, ao ciam-se nas regiões onde punham pé. E foi assim que se assenhorearam de grande parte da Escócia, da ilha de Man, da região setentrional da Inglaterra e da Islândia, tendo

sido os povoadores desta ilha e das de Fere e Groenlândia. Estabeleceram-se na Normândia, infestaram as costas de Espanha e Portugal, fundaram na Rússia um reino sob a autoridade de Rurik e chegaram, no período do seu apogeu, a ameaçar o poder do imperador de Constantinopla.

Não causará admiração a audácia dêsses navegadores-piratas, sabendo-se que os seus chefes eram escóndidos entre os guerreiros mais afamados e bravos, e que as tripulações eram compostas unicamente por homens livres e seleccionados entre

(Continua na pág. 20)



Pintura mural da escola de Santa Fé (Argentina), da autoria do pintor César Fernandez Navarro e que representa o desembarque de Cristóvão Colombo na América

Crónica... desportiva

NÃO vou ao ponto de dizer que nunca ouvi falar de futebol. Pelo contrário, suponho que cheguei a ver um ou dois jogos, dêsse que metem o Sporting ou o Benfica. Mas confesso que me interessou muito pouco. E então de Nicolaus e de Tanganhos percebo menos ainda. Não sei porquê, isso do espectáculo desportivo deixa-me mais ou menos indiferente — e creio que esta indiferença, que não tem qualquer carácter de olimpico snobismo, provém, em boa e legítima parte, da circunstância de saber muito bem quanto isso tudo significa em especulação fácil, em organização de negócio, em exploração das ingenuidades dos que fazem a festa e dos que deitam os foguetes... E não me custa nada bater com a mão no peito e pedir desculpa de não ter jeito nenhum para correr a foguetes.

De resto, isto não quer dizer nada. Creio que o desporto é pouco mais ou menos uma história da carochinha. O que é preciso é tomar ar, tomar banho, comer um bom bife com batatas e não perder em noites o tempo que está marcado para ficarmos a dormir. O desporto à inglesa é uma concepção colectivamente individual. Ninguém pensa em marcar passo nem em fixar atitudes de regimento. Mas toda a gente ao sábado se liberta por dois dias do fumo e do lixo da cidade. Cada um vai para o desporto como lhe apetece mais, vai para «golfe», vai para a pesca, vai pescar numa canoa para qualquer canto de rio, vai passear a cavalo, de bicicleta ou a pé. Areja, respira, desintoxica-se. Retoma alento para outra semana de trabalho. Cultiva a higiene como um hábito, dia a dia — sem nenhum ar de quem se reveste especialmente para um estranho ceremonial. Como o nosso Ramalho, opulento, sãdo, vigoroso — a «ramalhal figura» — que era, em espírito e na prática, um autêntico desportista, sem nunca ter jogado a bola nem o murro. Mas não faltam pelas gazetas as referências de pobres campeões disto ou daquilo que morrem de minguia e de tuberculose. Nem faltam episódios de tristes «alletas», verdadeiramente esqueléticos, que concluem provas a deitar os bofes pela boca fora.

O desporto é outra coisa. É, principalmente, uma mentalidade, um estado de espírito — e também uma consequência de possibilidades. Não é preciso haver repouso — para quem não tiver trabalho; nem é preciso haver divertimentos — para quem não tem tempo disponível; nem jogos de força — para quem não tiver que comer, nem onde dormir, nem onde se lavar. O desporto é o produto natural de um meio onde seja evidente o bem-estar, para quem tiver a sua vida organizada e limpa, para as sociedades bem comidas e bem dormidas. Como será, como poderá ser desportista quem não tiver uma escôva para lavar os dentes, outra para lavar as unhas; quem não tiver previamente criado o hábito de fazer a barba todos os dias e ser cortez para quem lhe passa à beira? O desporto — costuma dizer-se o contrário, talvez para ilusongear os adeptos — não é uma escola de civildade nem de higiene, nem de cultura física. Mas é uma prática que resulta naturalmente de quem for civilizado, limpo e já de si vigoroso.

Dêem-nos isto tudo, que o desporto virá por si. O mais é — para discursos em sessão solene...

JOSE RIBEIRO DOS SANTOS



FALA-SE ESTA SEMANA

MARIÁLIA MARQUES



Mariália Marques — ou simplesmente Mariália, como subscreve o seu primeiro livro — é jovem e tem aptidões para lutar e vencer. O seu tra-

balho «A Família Miniver» — extrair de um filme em exibição e que tão boa aceitação teve do público, reflecte facilidade de exposição e boa linha literária. Certamente, Mariália há-de dar-nos outras obras em que confirme as esperanças que o mundo cinéfilo reclama — o cinéfilo e o que vier depois, numa ascensão literária da autora.

DR. ABEL DOS SANTOS



Faltava, naturalmente, à estrutura política do movimento económico e administrativo este trabalho do Dr. Abel dos Santos: «Legislação sobre

Açambarcamento e Defesa da Economia Social» que entrou agora em segunda edição, como prova do interesse público que reflecte. Trata-se de uma compilação da legislação em vigor, criteriosamente anotada pelo sr. Dr. Abel dos Santos e que constitui elemento de interesse para os comerciantes, industriais — e compradores em geral.

Uma conferência de António de Las Heras

ANTÓNIO de Las Heras, secretário técnico do Comissariado Geral da Música, está entre nós e realizou uma conferência no Círculo Eça de Queiroz. Porque é técnico dos mais esclarecidos, a sua conferência revestiu-se, portanto, de um interesse todo particular que a assistência apreciou e elogiou. Na foto, vemos o conferencista da noite, quando conversava com António Ferro e o bailarino Francis.

A tiragem dos jornais

AQUI há semanas, debateu-se o caso das grandes e pequenas tiragens dos jornais. Nós, naturalmente, assistimos imparciais à contenda, porque não nos demovia mais simpatia por uns do que por outros, e a verdade só cada um a conhece em relação a si próprio e não aos outros, por muito seguros que sejam os elementos informativos ou as aparências públicas. Mas o facto não deixou de nos sugerir algumas observações a propósito e que, não sendo inéditas, nem por isso deixam de ter menos oportunidade. Assim, achamos que seria de boa moral estabelecer um controle, à maneira do que se fazia lá fora antes da guerra — e, aqui, os jornais franceses deram o exemplo, se não estamos em erro: ao alto, da página, estampado o número de exemplares tirados em cada dia. O público sabia, assim, que o jornal seu preferido era ou não o de maior circulação na cidade ou no prédio — embora não pudesse duvidar de que, para valorizar esse mesmo serviço de controle, a empresa se sujeitasse a ficar com as muitas sobras que a pouca sorte mandasse, porque a tiragem, bem se sabe, nem sempre corresponde à venda.

A orgânica da nossa política social e governativa criou um grémio da Imprensa Diária — porque diária, se há também a periódica, com direitos e deveres a cumprir? — que podia, supomos, corrigir as místicas da publicidade — com ou sem penas de pavão — dando o seu a seu dono.

Evidentemente, o público pode não escolher um jornal, baseado na sua maior ou menor tiragem. Em geral, o leitor procura a leitura que lhe agrada, pela forma como está escrita ou pelo arranjo das páginas. Mas há um outro factor a considerar, em matéria de jornais e respectivas tiragens: o factor publicidade que não pode, na verdade, passar para segundo plano. Achamos lógico e legítimo que todos façam por viver, dentro de bons princípios aprovados pelo uso. Mas achamos que um anunciante não tem o dever de pagar um anúncio num jornal de reduzida circulação, pelo preço pedido por um jornal de grande tiragem. O anunciante tem o direito de saber qual a verdadeira tiragem dos jornais que ajuda a fazer e a enriquecer; o anunciante tem o direito de pagar o luxo de um bom anúncio num bom jornal — bom, no sentido da expansão — tal e qual deve pagar o luxo de um estabelecimento ou de um restaurante. O Grémio podia muito bem regularizar esse direito que a cada qual assiste de se dizer jornal de maior ou menor circulação ou tiragem — porém dentro da verdade ou com dados comprovativos. E não se diga que falamos ou pedimos pela simples razão de nos considerarmos fora da alçada da lei que regulariza e condiciona, em certos casos, a vida dos diários. Pela nossa parte, estamos prontos a sofrer qualquer confronto...

O CAMPISMO

Tema de uma entrevista com o Comissário Nacional da M. P., prof. Dr. Marcelo Caetano



ESTÁ em marcha um grande movimento de propaganda da educação física. É verdade que a gente portuguesa já hoje se interessa com entusiasmo pelos assuntos da cultura do físico, a par, ou como complemento da cultura do intelecto.

Mas não chega ainda esse entusiasmo. Ou melhor: é preciso que ele deixe de ser estático, para ser dinâmico — essencialmente activo... Não basta aceitar sem relutância a ideia

de que é agradável e benéfico cuidar do corpo através dos exercícios ginásticos; não basta que um pai dê o seu beneplácito ao filho para que ele enverede pelas práticas desportivas.

O que é indispensável, o que se pretende é que o pai seja o primeiro a insuflar no espírito do filho a necessidade dele derivar para a vida sã do ar livre, que lhe faça a apologia do belo da Natureza, como retemperador físico e moral.

A campanha de propaganda da Educação Física que a Mocidade Portuguesa sugeriu e apadrinha, vem na altura própria agitar decisivamente o ambiente, estimulá-lo, reunir possíveis ideias dispersas, congregar esforços, dar, numa palavra, a unidade requerida para se atingir um fim eminentemente patriótico, cuja projecção nos tempos vindouros será o testemunho eloquente de como a geração em que vivemos não estagnou.

O Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa traçou as linhas gerais do pensamento do organismo que dirige, numa reunião efectuada na semana finda.

«Vida Mundial Ilustrada» quis, porém, arquivar nas suas colunas algumas palavras do sr. prof. Marcelo Caetano, que nos recebeu no seu gabinete, no Palácio da Independência. O entrevistado e o jornalista conhecem-se, o que dispensa certas formalidades protocolares, e a conversa inicia-se em perfeito à-vontade. Dizemos ao prof. Marcelo Caetano do objectivo da visita, para ouvir falar de um tema que está na ordem do dia. E o Comissário Nacional da M. P. profere as primeiras palavras:

— A Mocidade Portuguesa fornecerá os elementos necessários para que a campanha da educação física atinja a grandiosidade e expansão que pretendemos. Há trabalho feito, mas muito há a fazer ainda. A M. P. educa moral e fisicamente; se aquela faceta ganha sentido total de realização, esta tem de a acompanhar. E, por ora, tal não sucede por circunstâncias que combatemos com vigor, mas que ainda se não puderam vencer por uma vez...

— Tudo quanto se relacione com movimento, exercício físico, será englobado na órbita da campanha... Mas o campismo é uma especialidade que à M. P. deve o maior incremento... Poderemos assim deter-nos...

O prof. Marcelo Caetano atalhou de pronto: — Com efeito, a M. P. tem dado um impulso notável ao campismo. E compreende-se. O campismo é uma variante da vida stadina, onde tudo é artificial, onde a atmosfera é viciada e o ambiente não se renova nem modifica.

Numa encosta, num vale, num monte, faz-se campismo com todas as suas nuances: marchas de orientação, jogos, excursões, etc., tendo sempre em frente panorama agradável à vista e a quietude que constitua apaziguamento do espírito.

Depois de uma pausa, o prof. Marcelo Caetano continua: — O ideal seria que todos os períodos de férias fossem aproveitados para fazer campismo. Porque, note: com o campismo tem ligação o ciclismo, a pesca, a canoaagem — processo admirável de excursionismo. A M. P. tem dedicado ao campismo a sua melhor atenção, mercê duma obra em profundidade devidamente orientada e legislada.

— O material existente satisfaz? — Embora não seja perfeito, satisfaz. De começo, o material era quase todo individual, nada económico. Adoptaram-se então as barracas canadianas, mais práticas por serem desmontáveis e cada fillado poder levar uma peça sem pesar muito. A barraca cónica é também muito boa, mas só para grandes acampamentos, não dando as facilidades da canadiana. Estudou-se o tecido que conviria de molde a permitir a renovação do ar mas garantindo defesa contra o frio e chuva. Encontrou-se o que se pretendia, uma espécie de pano cru.

A lona, vulgarmente adoptada, não servia a finalidade saudável e higiénica exigida. — O acampamento deste ano em que mês se realiza? — Eu desejava que fosse nas férias, mas terá de ser em Maio, a coincidir com o Congresso da União Nacional.

Com vibração especial: — Esse acampamento será o remate de uma instrução que se tem feito nos centros de todo o país. Será uma demonstração indelével da obra da M. P. de um extremo a outro de Portugal.

E pondo termo à conversa, o ilustre Comissário Nacional da M. P. tem um desabafo que é simultaneamente um apelo: — Que impressão me faz os rapazes não aproveitarem as férias para as actividades campistas. Mas espontaneamente, sem serem coagidos. No período de férias, a M. P. não pode actuar directamente junto dos fillados. Estes, no entanto, é que deverão compreender as vantagens do campismo; assim como os dirigentes que com eles mais directamente privam devem também agir no sentido de promoverem actividades da juventude em campo.

«O campismo é um óptimo meio de desenvolvimento físico e de alto poder educacional para a dureza da vida».

PRISÃO SEM GRADES...

Alcoentre foi visitada pelos jornalistas para que fossem vistas as instalações da sua Colónia Penitenciária. É um modelo, feito pelos melhores modelos estrangeiros, o que se fez no antigo palácio de Pina Manique. A nossa organização é remodelação de instalações penais vai, assim, tomando corpo novo, vai, assim, saindo da letra de fôrma para o plano das realizações. Além da colónia agrícola, Alcoentre dispõe de instalações para o ensino e desenvolvimento de artes industriais, como se vê na foto, que representa a oficina de carpintaria.



NOTAS RÁPIDAS



Tinop, o cronista da capital, foi lembrado pelo grupo dos Amigos de Lisboa, que mandou colocar a casa onde nasceu o autor de tanto comentário irónico e gracioso. A cerimónia foi presidida pelo presidente da Câmara, sr. tenente-coronel Salvação Barreto, e Luís Pastor de Macedo falou de João Pinto de Carvalho (Tinop).



Os alunos finalistas do Instituto Industrial reuniram-se em festa de despedida, nos salões da Casa das Betras. O produto da festa reverteu a favor do cofre beneficente da Associação dos Estudantes daquele instituto e destinou-se a auxiliar estudantes pobres.



O Porto prestou homenagem à memória do Infante D. Henrique, contando-se entre as cerimónias o descerramento de uma lápida no monumento ao ínclito príncipe das descobertas. Vemos aqui o sr. Presidente do Município quando descerrava essa lápida.



Como foi noticiado, um grupo de jovens pintores que não foram incluídos no último salão de arte moderna, promovido pelo S. P. N., reuniram os seus trabalhos no salão de festas do «Clube dos 100 à hora». Damos, na foto, os 13 expositores adissidentes, no acto da inauguração, com alguns dos convidados, entre os quais artistas e escritores.

História triste dum cinema que não existe...

DURANTE meses e meses, alimentaram aquêlê sonho. A Comissão trabalhou bem e depressa. Numa terra onde os divertimentos escasseavam, e a várias léguas do cinema mais próximo, a causa ganhava depressa entusiastas adeptos. Os cinéfilos, então, exultaram! Eles que tinham de contentar-se com a leitura das revistas da especialidade — esperavam curiosos e emocionados o dia da abertura do seu cinema! Adeus, longas caminhadas de bicicleta, em noites chuvosas, para ver, na tela, as estrelas favoritas. Adeus, custosas deslocacões a Coimbra ou ao Pórtô, para apreciar as fitas portuguesas, que deviam ser de mão-cheia, a avaliar pelo tempo que se conservavam nos cartazes das salas estreantes.

As meninas da terra foram também incansáveis. E quantas verbenas organizaram a favor da construcção do cinema — elas que finalmente iam ter uma distracção que não fosse o baile da Assembléa ou o passeio dominical, à sede do concelho.

Com que alegria haviam recebido do comércio das redondezas a cedência gratuita dos teljolos e barrotes, da cal e das tábuas de sôlho! E o projecto? Poderiam dizer os estetas que não era um modelo de bom-gosto. Mas o architecto affirmara — com aplauso de pessoas entendidas — que não valia a pena estar a fazer luzos numa casa que era para estar sempre a escuras...

Por fim, reunida a maquia, asseguradas as adesões indispensáveis, resolvido o problema da aparelhagem — foi requerida a necessária autorização. E quando a resposta chegou ao conhecimento dos interessados — deixou-os mudos de assombro! Não poderiam construir uma sala, desde que a mesma não possuisse as instalações necessárias para dar espectáculos teatrais. Por outras palavras: cinema, não! Cine-teatro, sim!

Na fínebre reunião que se seguiu, a comissão resolveu dar a impossibilidade de angariar fundos para a construcção do Cine-Teatro, cujas obras importariam numa soma muito maior, em desistir do projecto — e aguardar melhor oportunidade.

O presidente resumiu desta forma o que pensava sobre o assunto: «Meus amigos: Durante muitos anos, tivemos um sonho: construir um cinema, que trouzesse a esta terra umas horas de alegria, proveitosos e tranquilos momentos. Quando tudo se conjuga, se conjugam as condições que assim acontecesse, impedimentos inesperados surgem a opôr-se aos nossos desígnios. Temos uma alternativa: construir um Cine-Teatro ou desistir. A primeira hipótese tem que ser afastada. As dimensões do terreno, as exigências de tais instalações, o custo das mesmas, inibem-nos de encarar o projecto. Quatro paredes e uma cabine em cimento armado — fazem um cinema. Um Cine-Teatro, porém, obedece a mais complexas e onerosas suplicas. Poderíamos, claro está, tentar um empréstimo, mas não o aconselho: se nos obrigam por um lado, a fazer palco e camarins, não nos garantem, em contra-partida, a visita regular de companhias teatraes, que nos permitissem, em prazo mais ou menos longo, amortizar o aumento de encargos, que a edificação dum Cine-teatro nos acarreta.

«Leio, todos os dias, nos jornais, que a indústria cinematográfica portuguesa luta com falta de cinemas. Que necessita de mais salas, para que possa prosperar e viver. O cinema da nossa terra não lhe dá para. Mas era mais um! Um, a menos, no número que falta para lhe assegurar condições de existência. Dizem-me que a medida restritiva obedece à louvável idéa de proteger o Teatro. Que se proteja o Teatro — estou de acôrdo! Mas não por êste processo. Pela minha parte preferiria também erguer um Cine-Teatro, em lugar dum Cinema. Mas não podemos meter ombros a tal empreendimento, pelas razões expostas. Comprenderia a protecção se ela se traduzisse por exemplo num subsídio, a conceder por intermédio das Câmaras Municipais, destinado a cobrir a diferença de custo, para que todos aquêlles que pretendam construir cinemas, lhe dêem simultaneamente possibilidades de apresentar espectáculos teatraes. Comprenderia a protecção, se o Estado, por exemplo, fomentasse as «stourneés» teatraes, com garantias artisticas, numa iniciativa semelhante a que preside às do Teatro do Povo. Há dezenas de salas pelo País fora, onde nunca aparece uma Companhia de mérito. Fazer Cine-Teatros para exhibir neles, apenas, os artistas que não têm categoria para trabalhar em Lisboa, não é com certeza proteger o Teatro Português, mas facilitar a vida a comediantes de reduzido valor. O Cinema que nos propúnhamos erguer foi um sonho. Morreu, antes de nascer — para que o Teatro português viva e prospere.

E encerrada a sessão, todos os presentes se dirigiram para o Jardim Público, onde, nessa noite, com um vento cortante e por entre névua de poeira, o cinema ambulante dava um espectáculo, com salvados de filmes em misero estado e realizados há mais de uma dezena de anos!

FERNANDO FRAGOSO



Lana Turner teve um menino

LANA Turner, a mais linda mulher do cinema americano, casou-se, há pouco tempo, com o actor Steve Crane. Do matrimónio, nasceu uma pequenina, Cheryl Cristina, que conta, agora, sete meses de idade.

Esta foto demonstra que em Hollywood há casais felizes — e que as estrelas que vivem, na tela, agitados romances de aventureiras são, afinal, na vida real, burguesas mães de família, curvadas sobre os berços onde desabrocham, em sorrisos, tenras vidas em flôr...



JORGE ALVES,

Que esteve à beirinha de ser galã
que se heroi de filmes policiaes

NÃO há sombra de exagero no que afirmamos: Se o Oscar de Lemos se tem demorado mais alguns dias em Espanha, Jorge Pereira Alves, o popular Jorge, locutor da Emissora Nacional, seria hoje um dos galãs do Cinema Português.

Como estão lembrados, prevendo a demora do Oscar, que então filmava nos estúdios de Barcelona, Artur Duarte buscou um galã para a «Menina da Rádio». António Vilar trabalhava, nessa data, como caracterizador, no «Violino do João». Igrejas Caetano fazia parte do «cast» da mesma película. E Duarte recorreu aos novos. Se Maria Eugénia viera das fileiras dos que nunca haviam entrado num estúdio, porque motivo, para o galã seu par, não se havia de adoptar semelhante procedimento? E, assim, após longa e morosa selecção, foram submetidos a «tests» de imagem e som, o actor teatral Alvaro Benamor, o estudante Almeida Araújo e o locutor Jorge Pereira Alves. As provas dêste foram consideradas inteiramente satisfatórias. E Jorge teria sido um dos galãs de «A Menina da Rádio» — o outro é Fernando Curado Ribello — se, concluída a sua actuação em Barcelona, o Oscar não tem vindo por aí abaixo...

Mas a boa impressão não se desvaneceu no espírito dos produtores do filme. E Jorge foi convidado para interpretar um papel, que, por tal sinal é justamente aquêlê que tem vivido na Emissora, na qualidade de locutor da «Hora de Variedades».

Encontrámos o Jorge, no estúdio, impavêl no seu «smoking branco» — e com a cara amarelecida pelo tom geral da «maquillage», sinal evidente de que o artista trabalhou ou vai trabalhar daí a instantes.

— Impressões, Jorge?
— Excelentes! Digo-lhe mais: gosto disto a valer!
— Quere dizer: trocava de bom grado o seu lugar de locutor, pela possibilidade de trabalhar nos estúdios, como actor?

Jorge pensa um bocadinho — e diz:
— Sim! se o Cinema português me garantisse uma actividade contínua.

— E se, partindo dessa hipótese, a indústria lhe garantisse honorários idênticos aos de um locutor?!

— Não trocava!
— Porquê?

— Porque o cinema é extenuante. E a glória não paga o que nos rouba em energias!

— Acha que um locutor tem sôbre os outros mortais, vantagens evidentes para o cinema?
— Sim, sob certos aspectos. O contacto, a familiariedade com o microfone, por exemplo. E para um locutor habituado a trabalhar em público, a ausência de nervosismo em face do mesmo. No estúdio, como sabe, temos sempre um público, reduzido, mas exigente, que nos espia os movimentos, e cuja missão essencial consiste em ver o nosso trabalho, com lentes de aumentar. Qualquer pequeno deslize

na tela, toma as proporções de uma catástrofe. Daí essa compreensível ansia de perfeição, que paira no ambiente, e que é o terror do artista que não dominam os seus nervos.

— Na «Menina da Rádio», que papel interpreta?...

— ...O de aquêlê encantador rapaz que todos conhecem, o Jorge, locutor da «Hora de Variedades», que tem sempre uma palavra amável para cada artista e que se apresenta ao público, com a distincção e o espirito que lhe é proverbial...

Decididamente, Jorge não está a tomar a entrevista a sério. Mas não nos damos por achados. E insistimos:

— Que género de papéis gostaria de interpretar?

E agora o outro Jorge que responde. Um Jorge quasi solene, que nos diz com a maior convicção:

— Talvez por ser daqueles que levam a vida a rir, o meu sonho é interpretar um papel dramático, em filmes onde não haja alegria, onde os horizontes se apresentem carregados de sombras. Tenho a paixão dos filmes policiaes. E gostaria de ser o herói dêssas pelucias, que desfilam complicadas meadas, entre «gangsters» e «aventureiras», em castelos abandonados ou «bas-fonds» tenebrosos. Ter o público preso da nossa actuação, fazê-lo sofrer com os nossos desaires, trazê-lo em sobresalto, de mistério em mistério, até ao «happy-ends» — eis um papel capaz de satisfazer as minhas ambições cinematográficas.

Do «plateau», chamam o Jorge, para o ensaio do plano que vai seguir-se. E, já a despedir-se, conclue:

— Oxalá que no próximo filme, me arranjem um papel à William Powell...

«O violino do João» será estreado

em Abril

ESTÃO praticamente concluídas as filmagens da nova película portuguesa «O violino do João», escrita e realizada pelo sr. Braz Alves, e com um elenco onde se contam, nas principais figuras, Ada Luftman, Erico Braga, João Villaret, Igrejas Caetano, Emília de Oliveira, etc.

A película encontra-se em adiantados trabalhos de montagem e, ao que nos dizem, será apresentada na última quinzena de Abril ou na primeira de Maio, em cinema a designar oportunamente.

CIDÁLIA MEIRELES AMEAÇADA DE MORTE!

UM ENCONTRO À ESQUINA...

A Cidália Meireles saía do Conservatório e nós atravessávamos à esquina. Um olhar, mos a rua. Encontrámo-nos um sorriso,, um cumprimento. E ficámos a conversar.

A Cidália vinha satisfetíssima. Mostrou-nos as suas últimas notas obtidas no Conservatório.

Arte de representar (prof. Samuel Diniz) — 12 valores.

Arte de dizer (prof. Assis Pacheco) — 16 valores.

Literatura e Língua Portuguesa (prof. Dr. Jorge de Faria) — 15 valores.

A insinuante Cidália não esconde o seu contentamento. Tódá ela é sorriso e alegria. Parece uma menina pequenina a quem deram a lua para brincar.

Preguntámos-lhe à queima-roupa: — E agora?

Fita em nós os seus olhos bonitos.

— Agora? Agora vou trabalhar, trabalhar muito — até conseguir realizar um dos meus maiores sonhos...

A nossa curiosidade aproveitou logo o ensejo.

— Qual?

Cidália torna-se séria. Nos seus olhos um fulgor especial. E é, com voz levemente emocionada, que ela nos responde:

— Ambiciono trabalhar no Teatro Nacional... Hei-de ser uma grande artista em alta-comédia!

Acreditámos sinceramente. Do talento, da vontade e da vocação desta menina prodígio da nossa rádio, muito há a esperar ainda...

Depois, Cidália revelou-nos um segredo:

— Fui hoje fazer provas de gravação, nos estabelecimentos Valentim de Carvalho.

Somos nós que sorrimos:

— Então, triunfos atrás de triunfos?

Ela agarra-nos o braço com força: — Sabe? Há outro sonho grande que eu quero realizar: sair de Portugal, correr a Espanha e ir até à América, cantando sempre canções portuguesas — para todo o mundo...

Esta Cidália, agora, decididamente, está cheia de sonhos. Oxalá que amanhã, todos eles sejam magníficas e vitoriosas realidades...

CIDÁLIA NÃO QUERE CASAR!

A conversa continua e, de repente, cai sobre este assunto palpitante: o amor, paixões, casamentos, etc.



Cidália diz-nos logo, com decisão:

— Acredite que eu não quero casar. Pelo menos, tão cedo. É bom que os meus admiradores saibam isto, para não me importunarem constantemente com propostas de casamento.

— Tem, assim, tantos admiradores?

Ela sorri. E, num gesto galato:

— Venha comigo. Vou-lhe mostrar uma coisa extraordinária:

Acompanhámo-la a casa. Cidália vai buscar um batzinho de ébano, abre-o e nós vemos, na nossa frente, montes de cartas.

— Tudo isto?—preguntámos admirados.

Cidália encolhe os ombros:

— Apenas isto... Porque a maior parte delas são rasgadas pelo meu pai.

Ao acaso, levantámos algumas cartas. Frazes de paixão, pedidos de autógrafa, juras de amor, propostas de casamento — e tudo o mais. Nomes, muitos nomes: Manuel da Silva, Fernando Esteves, R. Rocha, Rogério Manuel Sequeira, Lídio Maria, etc., etc.

Mas Cidália acerca-se de nós, eom ares de mistério.

— Agora, vou revelar-lhe a tal coisa extraordinária... Calcule que um dos meus admiradores escreveu-me, ameaçando-me de morte se eu der atenção a qualquer outro.

Sorrimos incrédulos. Cidália, porém, estende-nos uma carta, escrita em letra nervosa. E, de repente, um parágrafo salta aos nossos olhos:

— «Sabe? Eu sou capaz de tódas as loucuras por sua causa. E, acredite, Cidália, eu gosto tanto de si, tanto, que não posso pensar que Você dê atenção a outro. Não faça isso. Olhe que eu sou capaz de matar o outro e matá-la a Você. Chame-me doido, chame-me o que quiser, mas isto para mim é apenas um grande amor.

De facto, não havia dúvidas possíveis. Lá estava o nome e a morada...

Cidália, na nossa frente, sorri.

— Não sei quem é, sequer. Mas não lhe quero mal algum. Acho até engraçada essa carta. Gostaria de o conhecer, para resolver o caso amigavelmente. Talvez ele não seja tão mau, como parece...

Não quisemos ouvir mais coisa alguma. Corremos imediatamente à redacção para escrever tudo isto e pôr-lhe este título sensacional: «Cidália Meireles, ameaçada de morte!»



REPORTER DOIS

O NOSSO SENSACIONAL CONCURSO

QUAL É A VEDETA MAIS POPULAR DA RÁDIO?



Maria Sidónio
venceu a 2.^a etapa
mas Maria da Graça



continua à frente da classificação geral

COMO era de esperar, o êxito no nosso concurso tornou-se indiscutível. Ele interessa a todos os radiófilos, de norte a sul de Portugal. É certo que o número de votos recebidos para a 2.^a etapa é muito inferior ao que se registara para a 1.^a etapa. Essa diferença porém, parece-nos lógica e natural se atendermos a que, durante a 1.^a etapa, sem a necessidade do cupão individual, chegaram a enviar-nos cartas com 50, 80 e até cento e tal votos — autênticos abaixo-assinados votando na vedeta favorita.

Agora, com a obrigatoriedade do cupão, cada um vota independentemente. Eis uma das razões da diferença mencionada. Outra das razões é a de nos termos obrigados, ainda que contra a nossa vontade, a rejeitar centenas de cartas e postais, cujo cupão traz um nome ilegível.

Portanto, cuidado, leitores. Escrevam com clareza, de modo a podermos perceber os vossos nomes. E enviem-nos sempre o cupão que esta revista publica na sua página de rádio. Só assim se poderão candidatar aos nossos cinco tentadores prémios.

Para responder a várias perguntas que nos têm sido feitas, repetimos hoje as condições gerais do nosso concurso:

1.º — O leitor recorta, preenche e envia o cupão para Concurso de Rádio — «Vida Mundial Ilustrada», Rua da Emenda, 69, 2.º, Lisboa. Só os leitores que nos enviem esse cupão têm direito ao sortido final dos nossos prémios.

2.º — Os leitores podem e devem votar na sua vedeta favorita tódas as semanas, pois que cada semana equívale a uma etapa — e a classificação geral final das vedetas será constituída pelo somatório dos votos em tódas as etapas.

Compreendem? Esperamos que não haja mais dúvidas nem hesitações. E, agora, nada de demoras. As vedetas esperam pelos vossos votos...

COMENTARIOS A SEGUNDA ETAPA

Maria da Graça, que se colocou à cabeça da classificação geral logo no início do concurso, deixou-se bater, nesta etapa, pela sua perigosa competidora: Maria Sidónio.

Vários factos curiosos se registaram no decorrer desta etapa: Graciete de Melo recebeu apenas dois votos; Maria Eugénia teve as primeiras provas de simpatia dos seus admiradores: Fernando de Oliveira e Mily, entre os postos secundários são dos melhores cotados na classificação geral, respectivamente em 12.º e 11.º.

CLASSIFICAÇÃO DA 2.ª ETAPA

1.º, Maria Sidónio, com 120 votos; 2.º, Maria da Graça, com 87 votos; 3.º, Maria Gabriela, com 63 votos; 4.º, Luís Piçarra, com 43 votos; 5.º, Curado Ribeiro, com 24 votos; 6.º, Fernando de Oliveira, com 16 votos; 7.º, Mily, com 12 votos; 8.º, Maria Teresa de Noronha, com 6 votos; 9.º, Cidália Meireles, com 5 votos; 10.º, Maria Eugénia, Oscar de Lemos, Jorge de Melo e Orizman Setimel, todos com 4 votos.

Ordem da classificação geral:

1.º, Maria da Graça, com 869 votos; 2.º, Maria Sidónio, com 846 votos; 3.º, Luís Piçarra, com 715 votos; 4.º, Maria Gabriela, com 518 votos; 5.º, Graciete de Melo, com 459 votos; e mais 31 concorrentes.

Os três primeiros mantiveram as suas posições, ainda que Maria Sidónio reduzisse a sua diferença para 23 votos apenas. Maria Gabriela passou do 5.º para o 4.º lugar num bom impulso, e Curado Ribeiro, o 6.º classificado, aproximou-se mais de Graciete de Melo, que baixou espantosamente nesta etapa.

Que surpresas nos reservará o futuro? A resposta está nas mãos dos leitores. Pensemos e acreditamos que eles vão lutar, até ao fim, pela vitória das suas favoritas.

EIS OS NOSSOS PRÉMIOS!

Revelamos hoje a lista dos cinco valiosos prémios que oferecemos para este concurso. São eles:

- 1.º — Um magnífico receptor de rádio.
- 2.º — Um esplêndido relógio.
- 3.º — Um utilíssimo estôjo de stouillettes.
- 4.º — Um lindo lote de produtos de perfumaria.
- 5.º — Uma caixa de garrafas de vinho do Pôrto.

Então? A surpresa foi boa, não é verdade? Pois estes prémios destinam-se a ser sorteados entre os votantes das primeiras cinco vedetas da classificação geral, além das fotos autografadas que elas oferecerão aos seus admiradores que tiverem mais sorte. Portanto, não hestem: concorram! Sem concorrer não podem ganhar!

Devemos esclarecer, por último, que devido a uma gralha tipográfica o cupão do nosso último número saíu com a indicação de 2.ª etapa quando se referia a 3.ª. Isso, porém, nada prejudicou a votação, pois todos os cupões foram devidamente classificados.

CONCURSO DE RÁDIO «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

4.ª etapa

Voto em
Pôsta em que trabalha:
Nome
Morada

**UM NEGÓCIO QUE
FAZ MILIONÁRIOS!
UMA REPORTAGEM
ONDE SE CONHECE
O DESTINO DA VIDA!**

SUA MAJESTADE O LIXO DA CIDADE...

UMA REPORTAGEM DE
MANUEL MARTINHO
FOTOS DE **SERODIO**

NOVE horas da manhã. Sobre os portais, atulhados de lixo, os caixotes esperam a vinda do caminhão da Câmara. E ele vem, roncando, pausado, de ventre aberto, para se encher de tudo o que você, leitor, deita pela porta fora. Os humildes empregados erguem, nas mãos sujas, os caixotes, depois, com receio de que alguma coisa fique agarrada ao fundo, sacodem-nos com força, enquanto, entre nuvens de poeirada, ossos e talos de couve caem, higiênicamente, sobre o fato de quem passa e não teve a cautela de se desviar. Antes do caminhão, houve uma ronda — a dos trapeiros. Sujos e desgredados, negros como a miséria, vieram, logo cedo, vasculhar aquilo que os outros não querem. Trazem ganchos e uns sacos — ferramentas eternas do seu ganha-pão. E tudo que encontram levam: papéis e trapos, cacos e flores de seda.

Há em Lisboa perto de três mil trapeiros. Se não têm, como em Paris houve, a sua Associação, os seus estatutos, é porque eles não exercem um comércio legal. O trapeiro é, pela lei, punido. E porquê? Porque o lixo tem dono. Sim, leitor, as cascas de batata, laranja, o algodão, as escamas do peixe, os ossos, a própria cinza do fogão que, pela manhã, ficam à porta no barril do lixo, pertencem a um respeitável cavalheiro que deu por ele, à Câmara, quasi uma centena de contos.

E a verdade é que o lixo dum cidade como Lisboa tem feito fortunas. Tanto assim que todos os anos a Câmara abre concurso e há intensa disputa para obtenção daquele monopólio. Antigamente, nos velhos tempos da carroça, ninguém fazia caso daquele negócio. Mas tudo se industrializou — tudo, praticamente, começou a ter aplicação e a lizarada encheu o bolso a muito comerciante...

Os bairros pobres, Madragoa, Alfama, Santa Isabel, dão mais lixo que os ricos. As avenidas, o Rossio, a Lapa são, porém, zonas mais rendosas. Menos corridas por trapeiros que andam à gandaia, ainda vem muito trapo, muito papel, muita lata. Depois dos caminhões terem andado pela cidade, na recolha das imundícies, vão, diariamente, despejar a carga nos vasadouros, fora da cidade, quasi em Sacavém. Outra parte do lixo — conforme os arrematantes — em fragatas, atravessam o rio, para a margem oposta. Perto de oitenta caminhetas, bem atestadas, fazem esse serviço.

Os vasadouros ocupam uma grande área, como se pode calcular pela tonelagem do lixo que ali fica depositado. Diariamente uma média de sessenta metros cúbicos. A montureira chega a atingir a altura dum quarto andar. Ranchos de mulheres e homens trabalham continuamente, com ganchos, enxadas, ancinhos, na separação do lixo. Para um lado o papel, o trapo, os ossos, as latas, a lenha, os chinelos, garrafas e cacos. É tudo feito com uma ligeireza que espanta. No inverno, à chuva, com a lama até aos joelhos e uns sacos pela cabeça, descalços, vasculham aquelas montanhas de lizarada. Elas ganham oito escudos — e os homens dezassete. No verão as nuvens de poeira sufocam. Trabalho espinhoso e imundo.

— Pois olhe — diz-nos o capataz, um homem forte e espadado, de botarras grossas e polainas ao joelho — nunca nenhuma deixa de vir trabalhar, com parte de doente! Há sempre apetite — assim houvesse que comer. Nem contágios, nem tuberculoses! Não há nada como este ar saudável... (e apontou o céu e o sol daquele descampado).

Mas nós não podíamos desviar a vista daquela legião de trabalhadores, curvados sobre o lixo, confundindo a vida com aqueles trapos velhos, esburacados, que um dia alguém atirou à valeta. Num momento pareceu, à nossa fantasia, que do lixo, como vermes gigantes que tomassem forma humana, os trapos se

tinham animado e mexiam, resvalavam, tinham voz, criados e adubados naquela esterqueira — trapo que era gente — gente que era trapo...

Mas lá dum canto uma voz gritou: «Olhem para isto!» Viram então. Era uma mocetona, olhos negros, quentes, mãos negras e calosas como as dum rachador, que exhibia, entre os dedos, uma dentadura. Suspendeu-se o trabalho. Todos quiseram ver. O capataz guardou o achado e deu um apito. A faina recomeçou no meio da risada e dos comentários.

Estranhámos o achado.

— Não se admire. Isto não é nada. Ainda há dias aqui apareceu uma garrafa de champanhe, do bom, do autêntico. Ora isto só é possível, evidentemente, por esquecimento de quem tenha metido no caixote a garrafa e depois a tenha deixado ir no lixo...

Aparecem muitas coisas assim. Uma senhora veio aqui reclamar um objecto de estimação. Ofereceu dinheiro para quem o achasse. Revolveu-se tudo, novamente, mas não foi encontrado. E porquê? Porque o lixo é muito roubado. O patrão já quis acabar com os trapeiros. Dão uma prejuízo de dois contos, diários.

— E como conseguia ele isso?

— Muito facilmente. Empregava todos os trapeiros aqui nestes trabalhos — e nas suas quintas. O lixo seria recolhido nuns sacos de lona que depois seriam transportados para os vasadouros, dentro das caminhetas.

— De facto era muito mais higiênico...

— Nem mais. Acabariam essas nuvens de poeira que tanto incomodam na cidade.

— Ainda aparece muita coisa aproveitável, não é verdade?

— Sim. Garfos, colheres, facas, louça, bonecos, sapatos, mas não em tanta quantidade. A guerra veio estragar este negócio.

O capataz fica a meditar, depois recomeça:

— Calcule que só em papel aproveitávamos, aqui, duas toneladas por dia. Hoje raramente tiramos cem quilos. Está tudo muito aproveitado. Há gente que o junta em casa para vender. O trapo a mesma coisa. Os casquilhos das lâmpadas, aos milhares, não aparecem — porque os compram. Os ossos são em pequena quantidade. Depois acontece que há menos lixo em Lisboa. Como não há batata, não aparecem as cascas; a fruta está mais cara, as hortaliças, idem, e isto é que fazia a riqueza do lixo. Como deve calcular, a montureira faz um bom estrume que se vende para tódas as quintas dos arredores da capital. Vêm-no buscar aqui, em carros de bois.

O capataz olhou, então, o cebolão do bolso do colete. Era meio dia. Meteu o apito entre os lábios — e arrancou um grande silvo. Tódas aquela gente largou o trabalho.

— São horas de almoço. Agora vão para a cantina. Têm café, almoço e jantar por cinco escudos. É um jeito do patrão, que se condói desta miséria...

Passamos entre montanhas de ossos, latas velhas, trapos e fardos de papel. Havia em tudo aquilo um cheiro forte capaz de fazer perder o apetite ao melhor repasto. E abalamos, também. O lixo da cidade estava ali. Cartas de amor que mãos despeitadas rasgaram, chinelos velhos, esburacados, pedaços de lindos bonecos, talos de couve, migalhas de banquetes, pó e lixo de oitocentas mil pessoas que nunca pensaram que aquilo que deitam fora dá o pão a tanta gente e é um negócio onde muitos têm enriquecido!



A descarga do lixo é feita diariamente



Muitas mulheres e homens escolhem e separam montanhas de lizarada



Panels e sacos, numa área enorme, vão ser aproveitados



Isto tudo é louça partida e cacos velhos que tódas a gente deitou fora



Toneladas de trapo, já escolhido. As mulheres vão fazendo fardos



Os chinelos que aparecem no lixo são aos montões



Este homem, todos os dias, endireita a fólba velha. É daqui que saem muitas barracas de fólba...



O estrume sai da montureira para adubar as quintas dos arrabaldes da cidade



VINHO DO PÓRTO

tem o
sêlo de garantia



DO INSTITUTO DO VINHO DO PÓRTO

OS GRAVES PROBLEMAS

O Homem e a Civilização

O organismo humano apresenta uma grande maleabilidade, o que se por um lado traz grandes vantagens, acarreta, também, inconvenientes que podem ser fatais. Todavia, graças a essa maleabilidade, o homem consegue adaptar-se a condições de vida puramente artificiais, indo até ao extremo de se subtrair às grandes leis que regulam a funcionamento do planeta. E o homem orgulha-se do seu poder...

As aplicações da ciência moderna, toda a aparelhagem técnica tende, por uma parte, a livrar o homem das variações do nosso meio atmosférico e, por uma outra parte, forçá-lo a ritmos e a condicionalismos que não são os seus.

Longe de nós denegrir as máquinas industriais, o aquecimento, a produção do frio, as mil invenções que caracterizam o século da produção em série e das imensas possibilidades de vida cômoda. O que vamos é contra a utilização irracional e anti-higiênica desses bens.

Os biólogos reconhecem que o homem é um «ser do ar», do ar amplo e, no entanto, a civilização industrial criou e cria cada vez mais a atmosfera limitada e viciada das cidades sobrepopuladas, onde vivem milhares e milhares de homens estragados nas quatro paredes das suas oficinas, casas, etc. Mercê da luz eléctrica, a barreira entre a noite e o dia foi anulada, e o homem vive em qualquer parte e trabalha a qualquer hora. Por outro lado, o aquecimento e o resfriamento permitem-lhe esquecer-se da existência das estações. De todo este conjunto de circunstâncias resulta a expansão e o aparecimento de novas formas de doenças e o recurso limitado a drogas químicas com todos os aspectos e feitiços.

Certamente, que não cremos que a Natureza seja uma «amiga» do homem; contudo, o organismo humano está mergulhado nela e possui ritmos naturais cuja violação deve, com certeza, provocar a breve ou a longo prazo, perturbações no seu

funcionamento e comportamento. A vitória racional do homem sobre a Natureza consiste, pois numa «adaptação activa» e não em «proteger-se» a todo o transe contra ela.

O ideal da vida não é viver embrulhado em algodão ou no interior de um balão esterilizado. Os que pretendem levar uma vida ultra-aséptica são, regra geral, vítimas das infecções mortais ao menor descuido, sempre inevitável. Que, em casos destes, o organismo perdeu ou deixou atrofiar as suas reacções naturais, os seus processos activos de defesa. Por isso, Alexis Carrel, o popularizado autor de «O homem, esse desconhecido», aconselha o regresso a uma existência mais simples e mais rude; outros autores afirmam a necessidade de nos adaptarmos ao frio, ao calor, à fadiga, etc.

O remédio não está em ir contra a civilização, mas sim em ir contra uma civilização desordenada e irracional. Ao contrário de combater as máquinas, por forçarem os homens, devem-se forçar as máquinas, adaptando os seus movimentos e ritmos às condições óptimas do trabalho humano.

É certo que não nos devemos abster nem do aquecimento central, nem dos ventiladores e refrigerantes, mas reger a existência de modo a que tenhamos tempo de praticar em plena atmosfera e suportando o clima de cada estação do ano, exercícios e desportos que excitam saudavelmente o nosso organismo, libertando-o dos nocivos efeitos de uma existência demasiado passiva.

Nem sequer é necessário arrazacar cidades — como certos moralistas pregam — porque elas são imprescindíveis na nossa civilização. A urbanística e as facilidades de transportes permitem rasgar amplamente as cidades, descongestioná-las, estendê-las, interpondo entre as casas e entre as paredes, ar e mais ar e sempre ar.

A perfeita submissão do mundo civilizado e mecanizado às puras necessidades humanas, será uma grande tarefa do futuro.



A luz é um grande preventivo contra a morte. A vida das cidades criou a necessidade de multiplicar os meios artificiais de receber os benefícios da luz. As diversas radiações contribuem para o bom funcionamento do organismo. A carência de luz solar ocasiona graves doenças ou permite a fácil vitória de muitas outras.

A. B. C. sobre a «angina do peito»

A «angina do peito» nada tem a ver com as inflamações faringicas, a que se dá o nome de anginas.

O início da crise denunciando a «angina do peito» é sempre brutal e sobrepõe, geralmente, na altura de um esforço físico, de uma digestão laboriosa ou de um factor moral, (dôr, cólera, etc.). Caracteriza-se por uma dôr intensa, situada dentro do peito, por uma sensação de peso e esmagamento, e ainda por uma sensação de angústia que dá ao paciente o sentimento de morte imediata. Na maioria dos casos, a dôr estende-se ao longo da parte interna do braço esquerdo.

A crise tem a duração que vai desde alguns minutos até a mais de um quarto de hora, e termina progressivamente, enquanto se manifesta uma intensa vontade de urinar e de tossir. Os acessos repetem-se segundo um ritmo muito próximo ou muito apertado, mas a morte pode chegar de maneira mais ou menos fulminante.

O prognóstico, ou seja o juízo do médico sobre a futura evolução do mal, é, por consequência, muito severo, se bem que possa acontecer às vezes serem as crises muito afastadas umas das outras, ou não se repetirem.

As causas da «angina do peito» residem em lesões, ao nível do coração, nos vasos e no sistema nervoso cardio-arterial, e consistem numa esclerose (formação de tecidos duros) com origens várias.

O tratamento a fazer resume-se no seguinte: levar uma vida tranquila, tanto física como moralmente, não comer excitantes e seguir à risca os conselhos terapêuticos do médico.

Enquanto o médico não vem...

ELECTROCUÇÃO

MESMO em nossa casa, é fácil ser-se electrocutado. A vítima mostra-se incapaz de retirar as mãos do contacto dos objectos metálicos e electrificadores, e apresenta uma rigidez resultante da tetanização dos músculos.

Nunca ter o movimento impulsivo de afastar a vítima! O primeiro cuidado é precavermo-nos contra a possível queda do paciente quando cortarmos a corrente, e o segundo cuidado é fazermos esta interrupção.

A passagem da energia eléctrica provoca uma total ou quasi total paragem da respiração, por isso devemos proceder como se tratasse dum afogado. Urge evitar a asfixia com a respiração artificial, que consiste essencialmente em fazer fortes pressões no tórax, seguidas de relaxamento, forçando assim a expiração e a inspiração.

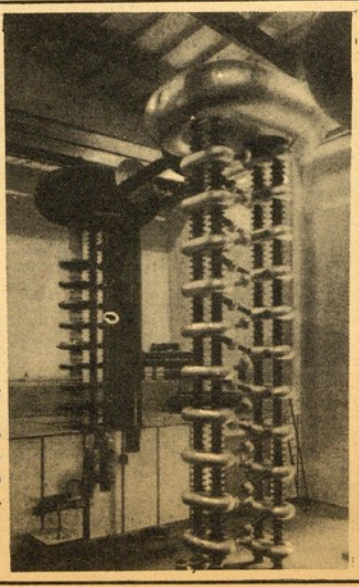
Alguém deve ter já ido chamar o médico, e também os bombeiros, porque estes costumam possuir «equipes» especializadas e a aparelhagem para os casos de asfixia. Só o médico poderá dizer quando deve terminar a respiração artificial, para transportar o doente e dar-lhe os cuidados suplementares: injeções, bebidas quentes, etc.

ANIMAIS COM PARA-QUEDAS

Agora que os para-quedas são tão importantes na guerra, não deixa de ter interesse mostrar que na Natureza há animais possuindo também os seus para-quedas. Aqui, o instrumento faz parte do próprio corpo do animal, que se utiliza dele para os seus variados fins de defesa e ataque.



A foto mostra o «Gerador de alta tensão Philips», do laboratório Cavendish, que opera a desagregação dos átomos, constituintes ultra-pequenos da matéria. Este gerador produz 2 milhões de volts! Os sábios procuram captar a energia libertada quando se «bombardeiam» os átomos, o que é de grande interesse prático. Basta dizer que a destruição dos átomos que constituem meia libra da substância mineral chamada urânio, forneceria a energia suficiente para converter 386.000 toneladas de gelo em água a ferver, ou para elevar de 3.860.000 graus centígrados uma tonelada de água.



«ELE» limpa mais e melhor que um batalhão de criados



«ELE» é o famoso

CASULO Limpa-Fatos

admirável fórmula de 6 substâncias químicas inofensivas que suprime depressa e bem o lustro, as nódoas, o mau cheiro e torna os fatos como novos e mais duráveis!

EM TODAS AS DROGARIAS



Revenda:

SCHROFETER & ALMEIDA

Rua da Madalena, 128, 2.º — LISBOA

ALFAIATARIA

Royal House



CAMISARIA — NOVIDADES
Rua de S. Nicolau, 83-89

As confidências de Fernando Bento

(Continuação da pág. 9)

sempre com as dificuldades técnicas. Se um dia me fosse possível resolver essas dificuldades, creio que me entregaria unicamente a esta modalidade artística.

— E o outro cinema?... interessa-lhe também?...

A resposta vem imediatamente, viva e entusiasta:

— Muito! Creio ter estudado o bastante para me sentir habilitado a trabalhar razoavelmente em montagens. Gostaria de experimentar... Se um dia me aparecer uma oportunidade, talvez não faça má figura...

Não! Não fará má figura, com certeza.

A mocidade de Fernando Bento abre-lhe as portas de todos os sonhos e o seu talento pode transformar-lhe em realidade todos os anseios e esperanças.

Para terminar esta página de confidências não ficaria bem um simples ponto final. Gostaríamos de terminar com as reticências dum desejo:

...o desejo de que todos os sonhos de Fernando Bento se realizem inteiramente.

SILVA BASTOS

É o génio um caso patológico?

(Continuação da pág. 11)

convulsivos num dos braços. Era um nevrótico como Bernardin de Saint Pierre, como Beaudelaire, como Hofmann, como Byron, como Renan...

De todos os grandes escritores, Dostolewsky foi o que deixou mais fortemente vinculada a personalidade numa obra extraordinária de realismo e como que animada por um estranho fulgor de loucura. Dostolewsky foi um epilético no último grau. Fervia-lhe na alma a inquietude do seu drama fisiológico, e dele espumava o sobressalto e a inquietude que domina todas as suas personagens. Em cada conflito borbulha um atração para o insondável. São figuras de carne e osso, mas que parecem viver uma vida ultra-terrena nos desvarios dos seus sonhos, na tremura das suas abstrações, no traço convulsivo das suas ansiedades, no desajo alucinante de conhecerem a origem real e a verdadeira finalidade da espantosa incoerência que as impele. Dostolewsky sofreu tudo o que as suas personagens sofreram. O prazer sádico da dor, a fatalidade gozada com uma luxúria embriagante, o eterno mal-estar do espírito que pretende ascender ao terreno do metafísico, um ascetismo perverso, uma hipertensão de intensidade espantosa, o desequilíbrio do pensamento, a fascinação mística da vertigem, a tentativa cruel de abrançar a sensação do infinito, as interrogações mais complexas, o irreal sobrenadando numa amálgama bárbara de realidades dolorosas, o nevoeiro do misterioso e do problemático a condensar-se da respiração ofegante da tragédia humana... No «Príncipe Idiota», o idealista encontra-se entre devassos, patifes e usurários, num meio corrupto e cínico. É uma figura de sonho, nimbada de certo lirismo, a dísse visionário que simboliza o coração puro e a consciência limpa. Mas Dostolewsky não fugiu, ao traçar o desenho dessa criação substrata, em lhe emprestar qualquer coisa de monstruoso. A personagem pensa e age como um epilético, de sensibilidade extremamente afiada para as mais subtis conclusões. A sua conformação intelectual desconserta e apaxona. Mais do que um sér que se comove ou se exalta, é uma tempestade nervosa. Todo o estado passional é uma ameaça de loucura. Por isso em Dostolewsky as personagens consomem-se em paixões crepitantes, sem tentar fugir a seus delírios demoníacos. Vive uma tragédia oculta essa legião de fantasmas humanos que parece ter-se evadido dum caminólio. Quando duas consciências se encontram frente a frente martirizam-se uma à outra, num ataque feroz, que logo decal numa calma imprevisível, sob o péso esmagador duma resignação enervante. Na «Voz Subterrânea», Dostolewsky exhibe-nos o tipo do tímido inconsciente cuja fraqueza é a cada passo uma humilhação e uma revolta. Esse desgraçado encontra em cada uma das suas reacções o fracasso, a submissão, o ridículo. Nada mais são que transposições do seu mal patológico.

Outras obras de Dostolewsky povoam-se de míseros acabrunhados, de taciturnos histéricos, de irresolutos que sonham ou de vencidos da vida que espilam a morte com um terror concentrado. Desde «O Crime e o Castigo» às «Recordações da Casa dos Mortos», toda a obra de Dostolewsky é uma hecatombe nocturna cheio de vagabundos, de caminheiros errantes, intranquillos, perdidos num infansante torvelinho.

Criou-se o cérebro potentíssimo dum estranho escritor. Mas foi a emotividade do epilético que alimentou a força soberana dessa cabeça de génio.

JORGE RAMOS



A PRESTAÇÕES

DEVE COMPRAR-SE EM

Pinheiro Lopes, L. DA

Rua do Crucifixo 81-2.º

Telefone: 2 1442

OU NAS SUAS FILIAIS:

Sapataria e Chapelaria DANDY

Rua do Telhal, 74 C-74 D

Relojoaria e Ourivesaria HELVECIA

Rua dos Fanqueiros, 164

Telefone: 2 5768

Todos os artigos em prestações aos melhores preços



Cui-lhe o cabelo?
urcapil à base de suco de urtiga

É UM PREPARADO ESSENCIALMENTE CIENTIFICO QUE ALIMENTA O COURO CABELO E RECEPORA AS FUNÇÕES DO BÓLBO PILOSO, DEPOIS DE ALGUMAS APLICAÇÕES.

urcapil

ELIMINA A CASPA E PARA COM A QUEDA DOS CABELO
UNICO DEPOSITARIO: PAULO COCCO-R, ANDRÉ 4244
LISBOA

A AMÉRICA NÃO FOI DESCOBERTA POR CRISTOVÃO COLOMBO

(Continuação da pág. 11)

aquêles que melhores provas de temeridade tinham dado. Proverbial era o valor desses destemidos senhores dos mares. Era freqüente, no auge das batalhas, atingirem um estado de excitação que ficou conhecido pelo nome de «Berserksgang», e durante o qual o guerreiro, desvalirado, se despojava da cota de malha e se lançava no combate para morrer ou vencer.

E foi esta bravura, este dinamismo e essa ausência de temor que levaram os vikings a regiões distantes das suas pátrias; enquanto os dinamarqueses e os noruegueses se espalhavam pelo ocidente, os suecos dirigiam-se para este e para o sul, e lutavam contra os finlandeses e contra os eslavos. Devastaram as costas do Mar Negro e chegaram a subir o Sena até Paris. Pois bem: foram estes navegadores audaciosos que não temeram encontrar nos mares ignotos aqueles gigantes fabulosos que posteriormente atemo-

rizavam outros marinheiros, quem descobriu a América. A história regista, até, o nome do descobridor: Leif Ericson, chama-se ele. Era filho de Erik, o «Vermelho», descobridor e colonizador da Islândia. Aportou, nos começos do século XI, com os seus trinta e cinco marujos-guerrellos, à região que modernamente se designa por Estados Unidos da América do Norte. Só 492 anos mais tarde Cristóvão Colombo «descobriu» a América.

Em memória desse famoso viking, os americanos mandaram erguer na Islândia um monumento que, sendo um marco de gratidão é, ao mesmo tempo, uma rectificação histórica, pois dá-se o seu a seu dono.

E repare-se agora na caricata analogia que há entre Colombo e o autor desta notícia — ambos «descobriram» o que outros se tinham dado já ao trabalho de revelar.

JOSÉ BARAO



VERGILIO TEIXEIRA REGRESSOU DE ESPANHA E QUERE TRABALHAR NO TEATRO!

AS TRES PANCADAS 4 PENTEADOS POR DIA...

Satisfação

Sentimo-nos recompensados, e bem, com as discussões que as nossas pequenas notas de critica e comentário têm levando nos melos teatrais. Isso consola-nos, porque é a prova mais evidente de que somos lidos...

Uma noticia interessante

Consta que os elementos interessados no já falado «Teatro novo» se vão dirigir aos nossos autores teatraes, mais em evidência, pedindo-lhes algumas peças para os espectáculos que pensam apresentar— género espectáculos de vanguarda. Irá isto além do simples boato?

Não se passa daqui...

Depois da «Mulher do Padetor», há já quem pretenda escrever a «Batalha», a «Carmen de Triana» e o «Bejame muitos!!!»

TEATRO PARA SOLDADOS

○ Nosso editorial da página de Teatro, em que abordámos o assunto de espectáculos para os soldados do Império— mensagem de paz em tempo de guerra— obteve um acolhimento que nos desvanecia.

Cartas, telefonemas e opiniões pessoais têm vindo até nós, trazer-nos o aplauso ao alvitre que apresentámos.

Assim, pensamos iniciar já no nosso próximo número uma série de entrevistas com algumas das individualidades mais destacadas do nosso meio teatral, sobre os aspectos financeiros e artisticos de que a realização da ideia se reveste.

Contudo, desde já— sejam quais forem os resultados a que se chegarem— estamos satisfeitos.

«Teatro para soldados»—é bem uma rubrica dos tempos de hoje. Eles, esses heróicos mancebos que velam pela segurança da Pátria, lá longe, bem precisam, também, duns momentos de diversão.

«Teatro para soldados»—deve passar do sonho à realidade. Agora, têm a palavra os senhores empresários e os senhores artistas...

CINCO PARES DE CALÇAS QUE VOARAM...

Depois, falámos de Espanha. Vergílio Teixeira tem esperanças de voltar lá... Talvez em Junho. E cedo ainda para desvendar mistérios...

Sobre o movimento cinematográfico do país vizinho, ele acha que existe por lá muita organização... e muita desorganização, também.

E conta-nos: — Calcule, nunca tivemos quem nos ensiasse os diálogos em português. Aliás, os próprios diálogos, cinematográficamente, eram muito mauzinhos. Eu e a «Tatão» tivemos um trabalho imenso, por causa disso...

Queremos saber se Abel Gance colaborara no filme, como primitivamente fóra anunciado. Ele informou-nos:

— Não! Abel Gance não chegou a trabalhar, porque não o deixaram. Já havia estrangeiros demasiados dentro do filme. Bem vê, no «plataeu» chegaram a falar-se oito idiomas diferentes: espanhol, português, inglês, francês, polaco, russo, alemão e italiano...

Daí a pouco, Vergílio Teixeira, sorrindo, narra-nos o episódio mais pitoresco da sua estadia em Espanha.

— No dia em que cheguei a Barcelona, roubaram-me um das minhas malas que transportava cinco pares de calças. Fiquei sem calças. Durante dois dias não pude sair de casa, até que o operador, o Serafim, me emprestou um fato dele.

Rimos em conjunto uma gargalhada saborosa. Fóra, de facto, uma boa partida...

«HEI-DE VENCER NO TEATRO!»

Falámos sobre os projectos de Vergílio Teixeira. Ele vai interpretar o galá do novo filme de Brum do Canto, «O Fanqueiro da esquina» e foi convidado por Armando de Miranda para a sua próxima produção.

Vergílio Teixeira não quer deixar de frisar:

— Agradeço, mais do que nunca, a oportunidade que Armando de Miranda me ofereceu, escolhendo-me para galá da «Ave de Arribações». Ainda dentro do mesmo assunto, éle confessa-nos:

— Espero encontrar um dia um papel que me agrade tótalmente... Um papel desportivo, género ar-livre, num ambiente de alta-comédia...

E, finalmente, abordámos o assunto: Teatro. Antes de partir para Espanha, Vergílio Teixeira fóra convidado a fazer parte da companhia Aura Abranches. Não pôde aceitar, por impossibilidade de tempo. Mas, agora, vem cheio de esperanças. O Teatro é outro dos seus grandes sonhos.

— Gosto imenso de dramas... Nada de comédia, nem de revistas.

Numa afirmação cheia de fé, éle acentua:

— Hei-de vencer também, no Teatro, acredite!

Porque não havemos nós de acreditar?

REPÓRTER DOIS



VERGILIO TEIXEIRA chegou ontem a Lisboa, depois duma boa ausência em terras espanholas.

Vem o mesmo. Simpático, afável, bom conversador e bom camarada.

O repórter de *Vida Mundial Ilustrada* apanhou-lhe em primeira mão as novidades frescas que éle traz para contar. Esta é mesmo a primeira entrevista que Vergílio Teixeira concede, depois do seu regresso a Portugal!

Ele esteve interpretando o galá da versão portuguesa do filme de que damos uma cena— «Madalena, zero em conduta», filme que conta, também, com a colaboração de Óscar de Lemos e de Leonor Maia, a popular «Tatão», esta como principal figura nas duas versões, portuguesa e espanhola.

O galá de «Madalena, zero em conduta» mostra-se optimista. Ele próprio confessa:

— O filme deve alcançar um grande êxito em Portugal! A sua estreia, em Lisboa, está marcada para meados de Maio.

Perguntamos-lhe se está satisfeito com o seu papel. Vergílio Teixeira, como sempre, é bastante franco:

— Assim, assim... Ful prejudicado imenso na fotografia... Como o Peña, o galá espanhol, apenas podia ser fotografado do lado esquerdo— eu vi-me sempre em péssimas circunstâncias, pois o lado esquerdo é o meu lado pior...

E, logo, num entusiasmo sincero, Vergílio Teixeira ajunta:

— Já que falo na interpretação, não posso deixar de exaltar o trabalho da «Tatão». Ela vai formidável, em todo o filme. Tem uma interpretação magnífica. É certo que a seu lado está Iracema, uma boa artista, bastante experimentada. Mas a «Tatão» não perde com o confronto. O nosso público há-de ficar admirado... e encantado.

Gostámos deste gesto de camaradagem de Vergílio Teixeira. Ele é digno dum «gentleman»!...

UMA jovem e atraente artista, Jacqueline Porel, consegue obter este bonito record: ela muda de penteado, quatro vezes por dia...

Até a vemos, no decurso das suas transformações, em pouco mais de doze horas, desde que se levanta para tomar o pequeno almoço até que termina o seu espectáculo no Teatro Odéon.

Quereis mais velocidade, mais perfeição e mais beleza, ao mesmo tempo?



UMA OBRA EXCEPCIONAL



NOTÍCIAS chegadas da América, dizem-nos que obteve um êxito extraordinário a apresentação da nova peça de Thornton Wilder, o consagrado autor de «A Nossa Cidade», que tivemos o ensejo de ver numa esplêndida versão cinematográfica.

A nova obra de Thornton Wilder, prémio Pulitzer e uma das sólidas mentalidades americanas, é uma peça super-realista, de tema profético, intitulada, no original, «The skin of our teeth» e da qual damos uma das mais impressionantes cenas. Preter March e Tallulah Baulthead, uma revelação assombrosa, são os principais intérpretes desta obra que toda a critica americana considera como verdadeiramente excepcional.

IN VIVO VERITATE

Não peça a sorte...
... peça

Niepoort

A lição do "Vagabundo"

(Continuação da página 32)

Estas eram muito religiosas, todos os domingos iam à igreja. O padre Custódio dizia-lhes sempre nas prédicas que esse homem não alcançaria o reino de Deus.

Os míddios seguiam atentamente a narração. Foi o «Molengas», desta vez, quem a interrompeu, perguntando onde ficava o reino de Deus. O homem estendeu a vista para os lados da ermida, pousou-a no chão, onde um gafanhoto acabara de saltar, fugindo a uma trê ergueu-a então para o céu e viu um casal de pardais juntar-se, rapidamente, sob a eterna lei de perpetuação da vida; reparou nas pupilas grandes do Zézinho, no cabelo enovelado do Tónio, olhou as sardas do cão, demorou o pensamento no fiozinho de sangue que ainda lhe escorria do lóbio da orelha direita... e afirmou:

— «Aqui, neste mundo! Mas deixa-me continuar a história. Deus também nela está. Onde ia eu?».

— No reino do «éu, lembrou o garoto, sacudindo as mãos sujas de poeira.

— É verdade... O homem era tão mau e desconfiado... No entanto, alguma coisa é preciso amar-se nesta vida, e ele parecia ter amizade ao papagalho, o outro ser vivente naquela casa de trás do cemitério. Não se sabia bem do que eles viviam. O homem arranjava pedúlio, segundo se dizia, numa terra muito distante, à custa de intensa labuta. E, na aldeia, parecia que nada o sobrecarregava senão a sua paixão pela caça. O papagalho ficava na gaiola enquanto o dono deambulava pelos prados, odiado pelos aldeões e temido pelos animais que feria e matava.

Um dia, de regresso a casa, achou, à beira da estrada, dois seres que, mais tarde, viriam a ser conhecidos, muito sobre a vida: um es-anzelado cão, em companhia — coisa estranha — de uma gatinha, muito branca, ambos procurando aquecer-se mutuamente, como se irmãos fossem da mesma espécie. O homem, movido pelo desejo de fazer do animal um companheiro das caçadas, associou e acariciou-o. Tanto bastou para que os dois, o cão e a gatinha, lhe seguissem o passo.

Como aquela não o interessava lançou-a numa sargeta. Mas o cão, desapareceu imediatamente e voltou com ela, bem presa entre os dentes. E que os dois formavam um destino comum: o dos que se encontram, vivem e morrem nas estradas do infórtio. E como só um vagabundo é capaz de agir assim, o dono, com receio que o animal lhe fugisse, decidiu ficar, também com a gatinha. Deu-lhe o nome de «Leynani» e ao companheiro o de «Vagabundo».

Decorreram meses. «Vagabundo» cresceu e fez-se forte, sempre cada vez mais amigo da gatinha que, ao contrário, se «conservou mansa e magrinha. Ambos se sentiam felizes e se entendiam maravilhosamente. Talvez, mesmo, vissemos um estranho amor...

Mas... estão a ouvir? Os dias felizes não duraram muito... E foi o papagalho a causa da desgraça de ambos. Uma vez, o dono regressou da caça muito mal humorado. Segundo o seu velho hábito, logo que chegou a casa, foi tratar do papagalho. Porém, com grande espanto, deu com a gaiola vazia e junto desta, em umas como garras de pantera. Bate-lhe furiosamente. Asfixia-a. A gatinha desfalece... Ah! E o «Vagabundo» ausente...

Porém o companheiro, de regresso a casa com o dono, havia-o deixado para se lançar na perseguição de um coelho. E, só depois de longas correrias pelas vertentes, apareceu finalmente, ofegante, desanimado. Quando se aproximou de «Leynani» julgou-a a dormir. Logo que a soube morta, «Vagabundo» correu como doido, rondando os cantos à casa. Farejou aqui e acolá, procurando, o assassino da amiga. Não a encontrou. Mas o dono, após a consagração do acto, abalara para os outeiros vizinhos, onde costumava vaguear horas a fio, sempre que a ira com ele estivesse.

Nessa noite, a gente do povoado

ouve um contínuo ulvar. «Vagabundo» lançou o corpo inerte de «Leynani», lançou, na sua misteriosa linguagem, impropérios à lua no firmamento e às sombras cá na terra...

Quando amanheceu, ânimo sereno, o homem solitário tornou a casa. Na gaiola, vazia ainda na véspera, estava todo lampeiro e saltitante, o papagalho verde-amarelo. Instintivamente, o dono olhou para o lugar onde deixara o corpo da gatinha. Já lá não estava. Assobiou pelo «Vagabundo» uma, duas, três vezes... E o animal não apareceu.

O seu protesto fora eloquente: levava consigo o corpo da companheira, abandonando a casa e o dono.

O homem misterioso contou os seus primeiros cabelos brancos. Deixou de ser arrogante. Os conterrâneos repararam nisso mas, agora, eram eles que não lhe retribuam os cumprimentos e as falas. O homem solitário sentiu-se infeliz.

Passaram-se tempos. A caça continuava a ser o seu único entretenimento. Até que um dia, estando no desporto favorito, se afastou demasiado da aldeia, distraído, em busca de róis.

Anoiteceu de repente, como se o sol não fosse mais que uma enorme lâmpada eléctrica à qual, subitamente, houvesse faltado corrente.

O homem pôs-se a caminho de casa, espingarda a tira-colo e cartucheira vazia. Cem passos não eram dados e eis que dois vultos ágeis lhe saltam pelas costas. Sustentou luta, terrível e longa luta, pois que lobos esfalmados são temíveis adversários. Finalmente, exausto, sentiu chegar o seu fim. Até ali «conseguira, com o auxílio da caçadeira, repelir as incessantes investidas dos animais famintos. Não tardou a surgir um terceiro, e o homem, não podendo mais desmatar-se...

A sineta tocou nessa altura. Ninguém se mexeu. Reinava comoção em todos aqueles corações.

O anção continuou a narrativa: «— Pareceu-lhe um sonho quando, voltando a si, já clara madrugada, a estrêla da alvorá brilhando ainda, o homem reconheceu que se sentia perfeitamente bem, conquanto fadado. Então não fora ele atado por uma alcateta de lobos? Levou a mão à testa, procurou recordar-se. Eram dois... sim, ao princípio, mas depois... apareceu um terceiro. Depois... devia ter desmatado porque se não lembrava de nada mais.

Ergueu-se, a custo, as articulações pouco obedientes. Olhou em volta: aproximou-se do que julgou duas sombras em relêvo na poeira da estrada. Al estavam os dois lobos mortos, olhares ainda ferozes, corpos ensangüentados. A uns passos, quasi à beira da estrada, como se dela quisesse alcançar os campos, jazia o terceiro vulto. Inanimado. Era o «Vagabundo» que, numa sublime dedicação, após haver vagueado nos primeiros tempos da sua fuga, a acompanhava de longe, sem ser visto, o dono de quem recebera o maior desgosto da sua vida de cão. Desta vez, «Vagabundo» correu para o homem porque sabia que só ele lhe poderia valer.

No dia seguinte a gente do povoado maldizia o cão que salvara tão cruel indivíduo, mas «Vagabundo» que voltara a desaparecer, pensara de outra maneira... muito diferente da dos homens.

As crianças apertaram o coração ao velho, abraçando-o com carinho. O cão que se diria haver compreendido tudo, saltou-lhe para o colo, lambendo as faces àquêle que iria ser o seu dono. Silêncio no grupo. O anção retirou da algebeira interior do casaco, um pacote enlaçado com uma fita de seda azul, desdobrada pelo tempo. Desfêz-lhe os nós. Desembruçou-o, aparentemente «movido»: era uma coileira de metal. Depois de a ter limpo com as foieiras remendadas, litido volta a rever brilhar, passou-a em volta do pescoço do animal.

O Chico, o mais velho de entre os companheiros, conseguiu, apesar do negro da ferrugem, ler nela a inscrição a que o velho acabara de aludir. E movido por secreto desígnio, murmurou, com meiga fala,

Composição: Mentolum 8 grs - Methylum Salicylicum 8 grs
Lanolinum Anhydricum 16 grs




BAUME BENGUE
ANALGÉSICO
GOTA REUMATISMOS
NEURALGIAS

Dr. BENGUE, Farmacêutico de 1ª classe
pela Faculdade de Paris

**O mais antigo Analgésico
de resultados seguros**

Um medicamento que deve existir em todas as casas.
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00



**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORRE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
10,45	WKLJ	30.8	WBOS	25.3				
13,45	WRUW	25.6	WRUA	25.4	WRUS	19.8	WBOS	19.7
14,45			WRUA	25.4	WRUS	19.8		
15,45	WRUL	19.5	WRUA	25.4	WRUS	19.8	WRUW	16.9
18,45	WRUL	19.5	WRUA	25.4	WRUS	19.8		
19,45	WCDA	26.9	WRUA	25.4	WRUS	19.8	WGEA	25.3
20,45	WCDA	26.9	WRUA	25.4	WRUS	19.8	WKLJ	30.8
(Meia hora de programa especial)								
21,45 a 22,15			WRUA	39.6	WRUS	31.4		
22,45			WRUA	39.6	WRUS	31.4	WKLJ	30.8
23,45							WKLJ	30.8
24,45	WOOW	49.0	WOOC	38.4			WKLJ	30.8

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 18,45 às 19

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

Sabe responder?

(Continuação da pág. 7)

Respostas

- 1—O cavalo; 2—Hans Lipperschey em 1608; 3—Tomas Edison;
- 4—Por ter construído o primeiro avião; 5—Ricardo Wagner; 6—A «Dama das Camélias, de Dumas, filho.

ão ouviu daquele:
— «Já tens o Vagabundo. Amanhã, o Vagabundo terá uma Leynani. O homem e o cão ergueram os olhos para aquela promessa. Os três pareciam de acórdio.

Quando o velho se afastou, passo grave e ensimesmado, daquêle grupo de garotos, já estes se não despertaram como de costume, aceitando-se para lhe puxarem pelas esfarrapadas mangas do casaco, e numerarem-lhe os novos buracos do chapéu e gritarem em côro:
— «O velhote é um grande ponto».

A SENHORA QUE
CUIDA DA SUA
BELEZA
USA PRODUTOS
* m. n. *

Semiramis



FÁBULAS DO NOSSO TEMPO

A sabedoria da Ninocas

A Ninocas é uma destas meninas «bem», muito prendadas, muito modernas que todos nós conhecemos. Chama-se Maria Adelaide, mas tratam-na por Ninocas, só lá saber-se porque estranho mistério.

Um dia, a mamã começou a chamar-lhe assim mesmo: Ninocas para aqui, Ninocas para ali. O pai ainda repontou. Mas a mãe disse logo que era isto empregarem-se nomes daqueles. Estava na moda. O pai encolheu os ombros e calou-se. Senão, já sabia que durante oito dias seguidos comeria sopa de espinafres, uma coisa que ele odiava...

E a Maria Adelaide ficou Ninocas para toda a vida. Às vezes, lá em casa ninguém se percebia. O gato chamava-se «Ricardo», o papagaio «D. Jorge», a cadelinha lúlú «Majalda» e a menina Ninocas...

Pois a nossa Ninocas, agora que acabou os estudos é o grande orgulho da senhora sua mãe.

Uma tarde destas, no pátio do prédio, travou-se o seguinte diálogo entre ela e uma vizinha:

— Acredite, minha amiga, a Ninocas está uma maravilha. Calcule, ela até já sabe línguas vivas!

— Sério?

— É como lhe digo... Diz cada palavra que a gente fica apatetada...

Precisamente neste instante, a Ninocas passa junto de sua mãe. Esta não hesita. Chama a filha e pede-lhe:

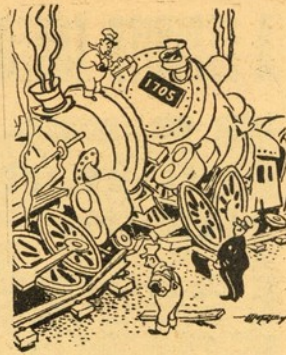
— Oh! Ninocas, conversa aqui um bocadinho com a vizinha, em línguas vivas.

A rapariga ainda tentou objectar qualquer coisa. A vizinha também confessa:

— Eu cá não sei falar nessas línguas...

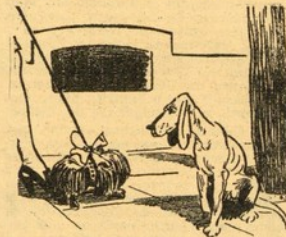
Mas, altiva, serena a mãe da Ninocas rematou o assunto, com esta decisão histórica:

— Ora, ora... É tudo muito facilzinho... Minha filha explique à vizinha como são as línguas vivas e para começar — dê lá o bom dia, em Algebra...



— Estou tomando nota do número. («Judge», Nova York)

EMBARAÇO



— Com estes cães ultra-modernos não se sabe como fazer a saudação... («Il Travaso delle Idee», Roma)

GRAÇAS HISTÓRICAS

A IGNORÂNCIA VALE TESOUROS

UMA vez criticaram o célebre doutor musulmano Abu por ter confessado a sua completa ignorância sobre determinado assunto. E disseram-lhe àperamente:

— Porque não sabes isso? Acaso o califa não te paga pela tua ciência?

Calmo, Abu respondeu apenas:

— Sim... Ele paga-me pelo que sei... Mas se quisesse pagar-me, também, pelo que não sei, não haveria tesouros no mundo que bastassem...

UM MADRIGAL DE DEGAS

Degas, o famoso pintor francês, foi assistir ao casamento dum dos seus modelos.

Finda a cerimónia, ele não quis deixar de dirigir um madrigal à noiva. Chamou-a de parte e, lisonjeiro, segredou-lhe:

— Sabe? Está elegantíssima. É a primeira vez que a vejo vestida, mas posso afirmar-lhe que vai muito bem...

O BISPO E AS LEIS...

Azevedo Coutinho, um dos mais eminentes prelados brasileiros, tinha uma opinião muito pessoal sobre as leis. E define-as, assim:

— As leis são teias de aranha que servem para apanhar insectos mas que se deixam romper pela pressão de qualquer corpo mais pesado...

JUSTIÇA...

Eis uma declaração de Luís Seguier, presidente do Parlamento de Paris, durante uma sessão:

— Saiam daqui ou fiquem calados. Está um barulho horrível! Já julgámos três ou quatro causas sem termos percebido nada...

MOMENTO DECISIVO



O amador de pesca — Vamos a ver o que diz sobre isto o «Manual de Pesca»...

TRES PERGUNTAS DE ALGIBEIRA

Pergunta — Qual é o cúmulo do azar?

Resposta — É um homem ter uma perna de pau e apanhar uma canelada na que é de carne...

Pergunta — Que diferença há entre os macacos e as bananas?

Resposta — É que os macacos comem as bananas, mas as bananas não comem os macacos.

Pergunta — Qual é o livro mais difícil de escrever?

Resposta — A autobiografia póstuma...

CORAÇÕES DE OURO



— Que é que ele está fazendo?
— É o guarda noturno, mas como está velho e doente, mandamos-lhe fazer o serviço de dia.

(«Il Travaso delle Idee», Roma)



A PROPOSITO DE UMA AMPUTAÇÃO!...

UM dos maiores males em que os clubes desportivos se debatem, reside na insuficiência das suas instalações. Saudosos tempos — e saudosos apenas pela heroicidade e audácia que revelavam, — aquêles em que para se fundar uma agremiação, bastava redigir uns estatutos, alugar uma casa que possuísse no seu recinto uma dúzia de cadeiras, reunir os senhores interessados na fundação, arengar uns quantos discursos inflamados, eleger corpos gerentes e pronto: estava nascido um clube, que principiará a funcionar, tão depressa o Governo Civil aprovasse a legislação por que tencionava reger-se!...

As vezes — quantas óvel!... — nem numa casa ou sala, se faziam as reuniões pré-fundação. Um banco de jardim servia, ou se havia intempérie, também uma escada, com os degraus a pressupor secretárias, não era para desprezar!...

Surgiram, assim, muitas colectividades que, mercê da trancidade e espírito resolutos dos que convictamente lhe deram corpo, hoje ocupam lugares próprios e definitivos, na constelação desportiva portuguesa. Outras ainda não resistiram à acção nefasta e mortal dos mal orientados e pereceram ingloriamente.

Interessam-nos, portanto, sómente as que vingaram. Conforme as suas especialidades, vivem pior ou melhor. Os Institutos de Educação Física, onde como o nome indica, a preparação ginástica, a cultura física propriamente dita, sobrepõe a ideia da competição, vêem-se a braços com dificuldades tremendas, quanto ao aperfeiçoamento e melhoramento do seu material didático e instalações, para os associados. Todos são pobres e a coização que cobra mal chega para remunerar pontualmente os professores e satisfazer mil e uma exigências de taxas e impostos, dos quais deveriam estar isentos, uma vez que lhes fosse reconhecida a sua evidente utilidade pública. O problema é de extrema acuidade e continuará a ser, enquanto não for solucionado como é de flagrante justiça.

Mas também não são para esquecer as agremiações ecléticas, as que vivem no ambiente das grandes multidões e dos grandes acontecimentos. A elas cabe, pela sua enorme expansão e popularidade, quinholo primeiro na difusão do desporto. Dispõem de poderosas massas associativas, mas também proporcionalmente as suas necessidades — e porque não, responsabilidades? — são maiores. O facto de competirem em torneios vários, que se encadeiam uns nos outros, mais lhes reforça a obrigatoriedade de prepararem conscientemente os seus representantes, sob o ponto de vista físico. Obrigatoriedade, à qual a lei, hoje, atribue a significação exacta da palavra.

Se fizermos uma digressão pelos locais onde os clubes ecléticos promovem os seus cotejos, pelos parques ou campos desportivos, ver-se-á que as instalações, balneários e vestiários apresentam deficiências, que a boa-vontade, só por si, não pode suprir. Falta muita coisa, elementar e indispensável, que, paradoxalmente, se vai dispensando!... É verdade que se gasta dinheiro, que podia ter outra aplicação, mas não é menos certo que há muitas designações a atender — e o dinheiro não é elástico!... As melhores instalações dos clubes ecléticos são pertença do Belenenses e do Académico, do Porto. Melhores, sem serem ideais, mas superando de longe as dos restantes. Os próprios terrenos de jogos são únicos no País, por terem a tão necessária relva.

As instalações duma colectividade são afinal o seu coração. Devem merecer todos os cuidados. Protegerem-se com discrição. Por isso nos surpreendeu a notícia de que o estádio belenense ia ser sacrificado às exigências da estética cidadina. O belo parque é hoje, mais do que propriedade do progressivo clube de Belém: é uma propriedade de desporto nacional, de que ele se ufana.

Cortá-lo, amputá-lo, por pouco que seja, constitui negação absoluta de compreensão dos superiores interesses desportivos, positivos e realistas de mais, para que possam ser postos de lado, sem atenção ao esforço, sacrifício e finalidade duma agremiação como o Belenenses. A pobreza em obras semelhantes é demasiadamente evidente, para que se toque no que de bom existe. Ignoramos qual a reacção dos dirigentes benenenses, ante a dura perspectiva que se lhes antolha.

Cremos todavia, que será oportuno que na imprensa se agite o magno assunto. Interessa ao Desporto — e a todas as cores! Fugir pela conservação do Estádio das Salésias é um dever de consciência que, acreditamos francamente, nenhum verdadeiro homem de desporto deixará de perfihrar!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA



Wenche, guarda-redes d'um grupo americano de futebol feminino, e de nacionalidade sueca. Aqui a vemos, aprestando-se para uma defesa que se afigura fácil, mas que a expressão do seu rosto talvez desminta... Como se verifica, na América o futebol feminino não é uma palavra vã...

UM CAMPEÃO A RENASCER

A ESPÍRITO SANTO falta um recorde... ELE VAI TENTAR BATE-LO?...



ESTEVE quasi dois anos e meio de cama, o Espírito Santo. Os afilcionados da bola deixaram de ver em acção um dos jogadores mais maleáveis, mais elásticos, que o nosso futebol produziu. A grande enfermidade que o afastou dos campos desportivos colocou-o na iminência de o impossibilitar para sempre, de voltar às competições. Chegou mesmo a dizer-se que o Espírito Santo, atleta e jogador, tinha acabado para o desporto.

Passaram meses, decorreram mais de três anos, e a notícia do seu reaparecimento caiu de chofre, alegrando adeptos e satisfazendo leais adversários. Hoje quem duvidasse. Os mais optimistas mesmo, ante a nova, tornaram-se cépticos. Supôs-se que se trataria duma tentativa audaciosa, ou que seria simplesmente, o «Canto do Cisne...». Aguardou-se. E o caso é que o Espírito Santo reapareceu, no Campo de Lisboa.

O célebre «fantasma negro», que entusiasma o Figo, no famoso Portugal-Espanha, ganhou em Balafados por 2-1 e perdeu dois anos mais tarde, por acórdão que entonteceu Quesada e Quincozes com as suas «fintas» diabólicas, esgueirando-se como uma engula entre os dois defesas, que sistematicamente o procuravam «prensar»; o alvo máximo da curiosidade popular, quando a turma nacional se deslocou à Alemanha e que pós Francfort em polvorosa, pois a sua fama chegara à Inglaterra lá e que afinal — parece ainda vivermos esses momentos!... — Francfort não viu, porque os dirigentes germânicos não consentiram que em cada parte alinhasse Peyrotó e Espírito Santo; o jogador que no curto período da sua carreira mais apalxonou a opinião pública, criando uma rivalidade acérrima com o centro avançado leonino, e que eles selaram com o sorriso nos lábios e de braço dado, sendo dos melhores companheiros dessa viagem.

Inevitavelmente teve um reaparecimento auspicioso na categoria «Reserva». Mostrou não ter perdido qualidades, acusando compreensivelmente, a longa ausência das competições. Nesse dia, Espírito Santo marcou dois tentos. Depois, foi aparecendo, a espaços, cautelosamente, como estava indicado. Até que, numa progressão natural, voltou à categoria de honra. Preenchendo cabalmente o seu posto e enchendo o campo de alegria e vivacidade.

Sublimamos os Restauradores quando o encontramos. Conversámos sobre diversos assuntos, quasi todos desportivos, já se vê!...

O «Soba», como o cognominámos em Mião, com sua concordância (e já agora recordemos que o mesmo fizemos a Peyrotó, chamando-lhe «Curica» — leão da selva — em dialecto quimbundo...), é um rapaz extremamente tagarela.

Falou-se da saúde:

— Sinto-me bem, felizmente. Crelo que o mau tempo já lá vai. Apanhei um grande susto, mas agora faço por esquecer. O meu restabelecimento devo-o aos drs. Adeodato de Carvalho e Armando Ródo. Dois grandes e dedicados amigos. Foram êles, não há dúvida, que jogaram o futebol por mim!...

— Observa algum regime especial?

— Não. Apenas uma vida calma, como de resto já levava. Delto-me à volta da meia-noite e levanto-me normalmente às 8, com excepção dos dias de treino, em que estou alerta às 7. Fisicamente estou ótimo. Quanto à bola, tinha-me esquecido da maneira de lhe acertar bem. Foi uma separação muito longa. Mas agora, de treino para treino, sinto-o, cada vez se melhor como ê!...

Falou-se de sentimentos e de nostalgias:

— Foi com uma alegria intraduzível que voltei à primeira categoria do meu Benfica. Parecia-me mentira, mas não era, felizmente.

Tinha saudades do clube, da bola

e do público. O Benfica, quando prende, prende mesmo.

Vieram à balla preferências de lugares:

— Tenho de me defender; ao centro do ataque dava-me bem, mas levava-se muita «pancada». Há pelo menos três adversários certos; o médio-centro e os defesas. Agrada-me à extrema-direita, porque as probabilidades de evitar o choque são maiores. E como felizmente sou rápido, tenho vantagem!...

— É outra «limpeza»... Santo concorda, sorrindo... Fala-se também de preferência de nomes:

— O Albino é extraordinário! Que alma e que espírito combativo! Dos outros clubes, o Amaro e o Fernando Peyrotó são grandes jogadores! Aos lábios do «internacional» afloram esperanças:

— A minha fé na vitória do Benfica no «Nacional» deste ano, permanece. A rapaziada, nas andanças finais, nunca deixa os seus créditos por mãos alheias... Por isso confio!...

Vem também ao de cima resoluções:

— Enquanto puder, jogarei futebol. Reparto a minha simpatia por êle e pelo atletismo, que tornarei a praticar, se me não fizer mal!...

O futuro não é descurado:

— Não volto para África, como por aí se disse, demais que tenho agora a minha mãe comigo. Conto ser em breve empregado bancário!...

E a «rematar» o jogo de palavras urdiu neste encontro amigável, um projecto, que é sensacional, a respeito de atletismo:

— Se continuar a sentir-me bem, como espero, depois de acabar o futebol tenciono atacar o único «record» nacional que me escapou, das especialidades que pratico: o triplô salto!...

...E mais não disse, o «fantasma negro»!...

DAQUI E DALI

Na derrota é que se conhecem os falsos amigos. No sábado górdo, os directores do Belenenses reintram os seus jogadores e instalaram-nos num hotel, para os furtar a possíveis devaneios carnavalescos; no domingo êles perderam o jogo com o Atlético, sem discussão. Pois houve logo quem dissesse, para justificar uma derrota que os próprios jogadores não pretendem justificar, que tinha visto sair de um centro de boémia, às seis horas da manhã, o jogador de maiores responsabilidades no grupo!...

Amigos destes, — é fugir dêles!...

* * *

Um episódio saboroso, ocorrido em Guimarães num dos últimos domingos — quando da visita do Benfica. Na semana que precedeu o jogo, os aficionados locais adregaram de perguntar uns aos outros: «Sabes quem vem jogar cá no domingo? É o Vitória!...».

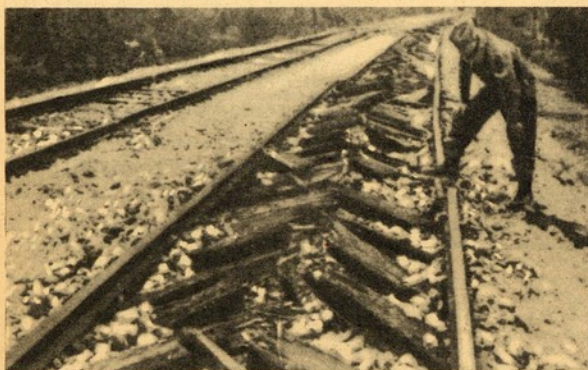
Quasi três meses sem verem o seu grupo, os vimaranenses já andavam aguados!...

Tem espírito — e não ofende!

NOTAS DE GUERRA



O caso da Finlândia — sairá ou não da guerra? — continua a dar que falar. Eis Paasikivi, à direita, antes de ir a Estocolmo. A esquerda está Erikko ministro dos Estrangeiros da Finlândia. A fotografia foi tirada durante uma conferência entre as duas altas individualidades.



Na Itália, apareceu recentemente um método económico de fazer saltar as travessas das linhas férreas, quando os combóios já não devem circular para benefício dos ocupantes italo-alemães. Aqui está como é simples e eficaz o processo novo de destruição...



Sforza — à esquerda, no 1.º plano — e Beneditto Croce, a seu lado, encontraram-se depois do recente congresso italiano de libertação. Vinte e dois dias duraram as conferências de Bari, e nelas tomaram parte como membros da Frente Nacional de Libertação essas duas gradas figuras anti-fasistas. Discutiram-se problemas económicos, a posição da monarquia e a questão dos voluntários italianos.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



RISTO RYTI — Um dia, o velho Kallio, de grandes bigodes brancos de camponês, desapareceu da política finlandesa. Ia ser substituído, no alto cargo de Chefe do Estado, por Risto Ryti. O antigo político, perito em assuntos financeiros, governador do Banco de Helsinquia e chefe do gabinete da União Nacional, ia tomar o encargo de dirigir a política da Finlândia, num momento particularmente perigoso e difícil. A paz com a Rússia tinha sido selada em 1939 — ele próprio a selara — mas, agora, o país estava de novo em luta com o vizinho, sem poder de novo selar a paz, porque as forças ocupantes fazem pressão em contrário. Recentemente, a Finlândia, país de grandes recursos económicos e de boa posição para a estratégia da guerra, tem tentado sair do conflito. Por detrás de todas as conversações está naturalmente a vontade de Ryti. A verdade, porém, é que o vento das paixões e dos interesses continua forte — e a Finlândia continua moralmente em guerra.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXIV - as forças equilibram-se

DEPOIS da primeira campanha da Rússia era lícito fazer um balanço das forças em presença e das possibilidades de cada um dos blocos beligerantes, para concluir por um relativo equilíbrio, quaisquer que fossem as aparências que as inclinações dos partidários avolumavam, mas que não podiam contar seriamente perante a eloquência das realidades.

O Reich encontrava-se, mais uma vez na sua história, numa situação muito semelhante à que conheceu durante a primeira conflagração mundial. A coligação que constituía era uma coligação de tipo continental; a coligação que defrontava era uma coligação de tipo mundial. O seu avanço em matéria de armamentos e de preparação intensiva aparecia compensado pelo potencial crescente dos seus adversários. A decisão não fora conseguida rapidamente, e a guerra com horário degenerara numa guerra de desgaste, a prazo indeterminado mas certamente longo.

No domínio das possibilidades, o Reich tinha para jogar algumas cartas valiosas. A sua aliança com o Japão era susceptível de fazer enfileirar a seu lado uma grande potência marítima, emprestando uma projecção extra-continental ao seu esforço de guerra. A mobilização integral dos recursos europeus e a exploração intensiva das riquezas naturais existentes nas terras conquistadas de leste era de molde a alimentar a esperança de se criar uma autarquia continental que, cedo ou tarde, poderia pesar na decisão do conflito.

As realidades que se opunham a estas esperanças não eram de menor tómo. A entrada do Japão na guerra ao lado da Alemanha, tornava inevitável a participação activa dos Estados Unidos, com o seu potencial humano e os seus recursos económicos, ao lado da Inglaterra. A utilização da economia continental exigia uma mobilização espiritual e política sobre a base duma identidade de objectivos a alcançar, sem a qual era de recear que a Europa acabasse por se voltar contra a potência ocupante, tornando-se para ela mais um embaraço do que um auxílio. Os factos encarregaram-se de confirmar estas suposições, a longo prazo. Mas em 1942 era legítimo falar dum equilíbrio conseguido em consequência da falta de decisão na campanha de leste pela impossibilidade verificada de destruir a máquina militar soviética durante a ofensiva de 1941.

AS LINHAS INTERIORES

O Reich beneficiaria, e continuava a beneficiar ainda em 1942, duma vantagem incontestável: utilizar linhas de comunicação interiores, perfeitas e curtas, com as quais podia deslocar o seu aparelho de guerra até aos campos de batalha onde a acção devia desenrolar-se. Fora essa, igualmente, a grande vantagem que na primeira conflagração mundial lhe permitira bater-se, durante quatro anos, contra uma coligação extra-continental poderosa.

Toda a sua rede de comunicações (estradas, caminhos de ferro, canais) fora concebida para a realização de objectivos estratégicos. Mais do que em 1914, as suas forças adestradas podiam ser rapidamente deslocadas, dum para outro ponto do continente, com uma rapidez que anulava, em grande parte, os cálculos e os

projectos dos adversários. A utilização dos caminhões de ferro continuou a ser nesta guerra um elemento de importância primordial para a condução eficaz da luta.

A introdução dum factor novo na realização da guerra, o motor de explosão, previsto de longa data e estudado em todos os seus pormenores pelos chefes militares alemães, tinha dado origem à construção de auto-estradas que, pela natureza da sua formação e da sua duração indicavam claramente que não deixariam de ser utilizadas, no momento oportuno, para a realização duma estratégia de grande estilo.

Esta vantagem incontestável completaram-na os alemães, nesta guerra, pela expulsão da Grã-Bretanha do reduto continental. Uma vez alcançado este objectivo, a utilização das suas linhas de comunicação podia ser feita em pleno, para aniquilar o potencial militar russo, enquanto do outro lado, onde vinte e cinco anos antes existira uma segunda frente de batalha, bastava, com um dispêndio mínimo de forças, acautelar as costas do continente para evitar um eventual desembarque inglês. Ora, em 1941 como em 1942, a Grã-Bretanha não se encontrava em estado de tentar sequer uma operação desse género e restava-lhe apenas o recurso de utilizar a arma aérea, para fazer sentir a sua presença no campo dos beligerantes, e o poder naval, para minar a resistência da economia alemã.

VANTAGENS E INCONVENIENTES

A utilização de linhas interiores, numa guerra de coligação, permite ao beligerante que ocupa uma posição geográfica central lançar-se sucessivamente contra cada um dos seus adversários, aniquilando-os. Foi isto que a Wehrmacht procurou realizar nesta guerra. A sua tarefa foi facilitada por uma preparação diplomática que, durante algum tempo, o Reich pôde praticar com eficácia, aplicando a máxima de que mostrar a força é o melhor processo para a não utilizar.

Foi assim que a diplomacia alemã, apoiada no espectáculo convincente de um aparelho militar sem igual na Europa, resolveu satisfatoriamente uma série de problemas prévios sem os quais a sua entrada na luta se não realizaria em condições vantajosas (Renânia, Austria, Checo-Eslováquia). Quando a resistência se fez sentir no caso polaco, a Alemanha dispunha já da placa giratória da Europa, a Austria, e da sua posição estratégica predominante, o quadrilátero da Boémia.

Depois de realizadas, com êxito e sem o dispêndio dum tiro, essas operações preliminares, restava-lhe a realização da tarefa mais importante que os seus chefes haviam considerado: a destruição do exército francês, único que estava em condições de se opôr à sua força militar. Essa tarefa, como se sabe, foi realizada em quarenta dias e de uma forma definitiva e eloquente.

A França, utilizando linhas de comunicação exteriores, não soubera recolher as vantagens que estas, por sua vez, oferecem e deixara que essas vantagens revertessem inteiramente em benefício do seu adversário. Em vez de atacar a linha Siegfried, no momento em que o Reich lançara todas as suas forças disponíveis sobre a Polónia e naquela se encontrava apenas uma cortina de tropas, a França, dominada pela mistica do cimento e refugiada por detrás da linha Maginot, esperou que o Reich voltasse a totalidade do seu poderio militar contra ela esmagando-a sem apelação.

Por outras palavras: a utilização das linhas de comunicação exteriores, por parte da França, obrigava à realização duma estratégia ofensiva que não estava nos planos do seu Estado Maior. Por seu lado, a Alemanha utilizando linhas de comunicação interiores, batia rapidamente a Polónia pela aplicação dos seus métodos de guerra relâmpago, para depois se voltar contra a França esmagando-a, com uma rapidez idêntica.

O REICH E O IMPÉRIO BRITÂNICO

A impreparação militar da Grã-Bretanha e sobretudo a sua mentalidade pacifista tornavam perfeitamente verosímil a concepção alemã de que aquele país se não decidiria a uma resistência, nem prolongada, nem eficaz, a qual, em última análise, teria de se traduzir pelo sacrifício substancial do sangue dos seus melhores filhos.

De transigência em transigência, a diplomacia britânica não fizera senão corroborar autorizadamente esta concepção inicial que, de resto, não era apenas partilhada pelos alemães cujos erros psicológicos são frequentes quando se trata de avaliar a capacidade verdadeira dos países que são obrigados a defrontar. Nos meios dirigentes da Rússia, geralmente considerados mais realistas nesse



Tojo, chefe de gabinete do Governo japonês, que sucedeu ao príncipe Kono, e Togo, antigo embaixador em Berlim, depois chamado para ministro dos Negócios Estrangeiros, foram as duas forças coordenadoras do aceleramento de acontecimentos político-militares do Japão.



Lindbergh e Wood foram dois dos grandes animadores da corrente isolacionista nos Estados Unidos, ainda mesmo na véspera do ataque japonês a Pearl Harbour.

cálculo de probabilidades, a sensação predominante era a mesma. E essa, de resto a explicação profunda da preferência que, em 1939, os soviéticos deram ao Reich deixando cair as negociações que vinham a arrastar-se em Moscovo com as nações ocidentais, para fazerem inesperadamente um pacto da amizade e não agressão com o Reich, seu adversário da véspera.

A operação contra a Grã-Bretanha, cuja fraqueza militar se tornara patente desde o início das hostilidades pela falta da sua aviação no céu da Polónia, foi conduzida pelo Reich simultaneamente e em continuação da operação que estava sendo conduzida contra a França. As campanhas da Noruega e dos Países-Baixos visavam muito mais a Grã-Bretanha do que a França. Destinavam-se a constituir, a tempo, a plataforma continental donde seria possível desencadear um ataque fulminante contra a ilha britânica ou reduzi-la, pela simples ameaça da sua destruição, desde que esta fosse suficientemente apoiada nas realidades militares. As campanhas posteriores dos Balcãs e da África do Norte completaram a tarefa iniciada, expulsando os ingleses do continente e tornando de momento impossível o seu regresso.

A DESVANTAGEM BRITÂNICA

A Grã-Bretanha não se deixara intimidar. Era esta a primeira realidade que contrariava os planos estabelecidos para a realização da guerra rápida e para o cumprimento do seu horário. Nem a Luftwaffe dominara a sua aviação de caça (operação que só não fôra levada a cabo por uma margem infinitamente pequena) nem a tentativa de desembarque na ilha se fizera.

Mas nem por isso a Grã-Bretanha podia considerar-se numa posição favorável, sob o ponto de vista estratégico ou sob o ponto de vista político. Os inconvenientes da sua posição eram evidentes. Esses inconvenientes eram mais de ordem política que de ordem estratégica deve dizer-se de passagem, embora as aparências de momento contrariassem esta afirmação.

Politicamente a Grã-Bretanha, apesar da boa vontade do governo americano e das intenções do Presidente dos Estados Unidos, factores contrariados pela existência duma poderosíssima corrente isolacionista que só se considerou vencida depois de Pearl Harbour, encontrava-se isolada. Deixara cair a coligação das pequenas potências europeias, que era a sua ligação tradicional nas conflagrações anteriores, e não conseguira articular uma coligação de grandes potências, única que era capaz de lhe fazer ganhar a guerra. Esta última — tornava-se evidente depois da assinatura do pacto tripartido em Setembro de 1940 — só poderia constituir-se com os Estados Unidos e a Rússia. E nenhum destes países se mostrava inclinado para sacrificar todas as suas possibilidades imediatas e distantes numa carta desvalorizada.

Assim, a Grã-Bretanha viu-se obrigada a bater-se sôzinha em volta da sua ilha, contra a tentativa de estrangulamento dos submarinos e da aviação do Reich, e nas proximidades da sua rota vital de comunicação com o Mediterrâneo, acautelando as vizinhanças do Suez cuja perda poderia tornar-se fatal dum momento para outro, depois que a Itália se decidira a entrar na liça ao lado do Reich.

A via mediterrânica fechou-se efectivamente ao trânsito da navegação britânica, impossibilitada de passar o gargalo da Sicília. A Grã-Bretanha encontrou-se na necessidade de utilizar vias de comunicação cada vez mais longas e cada vez mais ameaçadas pela acção dos agentes inimigos e pelo decrescimento da sua tonelagem disponível.

A SITUAÇÃO NO MEDITERRÂNEO

No Mediterrâneo e no "glacis" africano que se constituiu à volta das colónias italianas, o Reich beneficiava, como no continente europeu, da vantagem

de utilizar linhas de comunicação interiores. As posições que asseguravam tradicionalmente o funcionamento da linha de segurança imperial britânica ao longo do Mediterrâneo, embora não tivessem sido tomadas, encontravam-se neutralizadas pela acção dum factor novo: a aviação alemã.

O aparecimento desta, na área do Mediterrâneo, modificara sensivelmente o panorama geral da guerra e muitas das concessões ainda correntes na Grã-Bretanha. Gibraltar, Malta e Chipre viam ainda flutuar a bandeira britânica. Mas a sua presença não podia fazer já com que os navios, que ostentavam o mesmo pavilhão, transitassem pelo mar que tinham a missão de guardar e de acautelar.

Instalada na Sicília e em Creta, a Luftwaffe podia impedir eficazmente todo o trânsito naquêlê mar e obrigar os navios de carga britânicos a empreenderem a rota do Cabo para transportarem até o Próximo Oriente e o Egipto, as suas cargas de armas e de munições bem como os contingentes militares cuja presença se tornara indispensável para garantir a posse do Canal de Suez e assegurar a defesa dos petróleos do Irak e do Iran.

Entre a Espanha e a Pérsia, as forças do Eixo puderam assim deslocar-se com uma rapidez enorme que fazia contraste com a morosidade característica dos transportes britânicos. Os aviões que iam defender o Próximo Oriente tinham de vir da ilha e faziam o percurso extenso que passava por Gibraltar. Os comboios que se dirigiam ao mesmo ponto tinham de atravessar o Atlântico e o Índico. Os aviões do Eixo saltavam do Reich até à Sicília e ao Norte de África num prazo mínimo, e os seus transportes atravessavam, com uma rapidez idêntica, o caminho que separa a Sicília de Trípoli ou Creta de Tobruk.

Esta diferença fundamental aparecia reflectida no conjunto da situação estratégica, com manifesta desvantagem para a Grã-Bretanha. Enquanto certos deslocamentos de tropas e de material levavam às potências do Eixo 40 a 50 horas, deslocamentos idênticos consumiam aos ingleses 40 a 50 dias.

O FACTOR RUSSO

A intervenção da Rússia no conflito, se trouxe uma modificação da situação britânica num sentido favorável pela ressurreição dum aliado continental, criou simultaneamente para a Grã-Bretanha um acréscimo de dificuldades. No plano geral da guerra a Grã-Bretanha considerava, fundamentalmente, que a intervenção do exército soviético na luta era a última probabilidade de fazer regressar, num prazo de tempo mais ou menos curto, as suas tropas ao continente pela criação eventual duma segunda frente europeia.

Para que êsse projecto se transformasse em realidade, era indispensável que se verificasse uma condição prévia: que o aliado russo não succumbisse com a mesma rapidez com que as restantes potências continentais haviam succumbido ao choque da Wehrmacht. Tarefa que, por sua vez, implicava a necessidade dum auxílio substancial em material de guerra à Rússia.

Em Londres sabiam que êste último país succumbiria, fatalmente, sem a prestação dêsse auxílio. Os dirigentes britânicos, e especialmente o seu Primeiro Ministro que acompanhara em todos os seus pormenores a marcha da primeira conflagração mundial, tinham visto desaparecer o factor russo do quadro das potências aliadas, não porque os generais do czar tivessem sido derrotados em Tannenberg e nos Lagos Mazurios, mas porque o material de guerra inglês e francês não chegara nunca aos portos do Ártico.

O sr. Churchill era colega de governo de Lord Kitchener quando êste empreendera a sua famosa viagem à Rússia, a fim de acertar a estratégia dos dois aliados, missão que se malograra com o afundamento do navio que o transportava. Por isso o seu primeiro trabalho, logo que se produziu a intervenção russa nesta guerra, consistiu em organizar, o mais eficazmente possível, o serviço de transporte de material de guerra com destino aos portos soviéticos, a fim de

(Continua na pág. 30)

Para a beleza feminina



FAÇA OS SEUS TRATAMENTOS DE BELEZA

MASSAGEM - MÁSCARA DE LAMA - LIMPEZA DA PELE - EXTRAÇÃO DE PELOS PELA ELECTRICIDADE NA

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

AV. DA LIBERDADE, 35 - TEL. 21868 - LISBOA

A humanidade procura emancipar-se dos erros da natureza, corrigindo-lhe os defeitos e suavizando-lhe as faltas. É uma aspiração da beleza, um instinto natural que vem naturalmente da hora em que Adão olhou cobiosamente a sua companheira. E porque decerto os seus olhos gostaram, sem deixar de fazer comparações entre a mulher e outras obras da natureza, desde logo lhe veio à idéia corrigir-lhe esses defeitos. De então para cá, muito homem tem pensado e lutado para que a sua companheira seja linda, suprema e doce criação da natureza!

Porque — é até paradoxal — a mulher que se enfeita e ainda por causa do homem, serve-se apenas dos produtos de beleza que elle lhe fornece.

Para que a sua pele seja fresca e perfumada, para que os seus olhos tenham brilho, para que as suas mãos sejam preciosos elos de devoção e amor, para que o seu corpo tenha flexibilidade e elegân-

Produtos de Beleza

CLIPER

Seda Líquida

“NOSEL”

Para Nosel coure a minha admissão pelos seus maravilhosos produtos

Leonor Maia

JOUR DE NOEL

PERFUMARIA ROSA D'OURO
Rua do Ouro 279-281

PERFUMARIA MIMOSA
Rua do Ouro, 102-106

Rainha da Hungria

PRODUTOS DE BELEZA ARISTOCRATICOS

cia — para tudo o homem procura a solução de um mistério e o processo de um encanto. Todavia, nem todos terão encontrado o segredo da beleza. Estes, porém, que trabalharam para os produtos que apontamos nesta página à curiosidade das leitoras — garantimos que acertaram. Queiram passar os olhos pelas fotos presentes — e deem-nos a sua opinião...

RHIZIA

Série de Luxo da HOFALI

Algo de maravilhoso em perfumarias!

INSTITUTO Carmel

BELEZA E ESTÉTICA
Avenida da Liberdade, 204/2
*** TELEF. 43815 ***

CABELEIROS, MASSAGISTA, MANUCURE, PEDICURE, BANHOS, ESCOCÉS, DE DEPURAÇÃO E DE LUZ.

COIFFEURS, MASSAGE, MANUCURE, PEDICURE, BAINS ESCOSSAIS, DE DEPURATION ET DE LUMIERE.

SUPER-PRODUTOS DE BELEZA E PERFUMARIA

Montegil

Produtos SUNEV

LABORATÓRIO «DEANNA»
Rua dos Fanqueiros, 235, 3.

A MULHER DE HOJE

1944. Século vinte. Vertigem, loucura, turbilhão de homens e de ideais! Por toda a parte perpassa um halo de tragédia. Nos horizontes, sobem fios de fumo iluminados trágicamente pela grande fôrnia. Sobre as trincheiras enlameadas de sangue, os homens degladiam-se, por vezes perguntando a si próprios porque estão ali. Com os olhos fitos neles, a mulher ausculta o mundo! Mas a resposta é sempre vaga. Uma resposta cheia de ansiedade e inquietude. E a mulher pensa. Pensa, porque é obrigada a pensar. Pensa, porque está em perigo o futuro dos seus filhos, do seu companheiro, de si própria.

Outrora, nas cabeças de penteados complicados, jámais um problema difícil ousava entrar. É certo que havia excepções: mulheres que lutavam já denodadamente, queimando esforços e sacrificando anos de vida, pela construção dum mundo melhor e maior. Contudo, essas mulheres, eram olhadas pela maioria das outras, com um sorriso irónico de desdem e um olhar de indiferença. E consideravam-nas doidas. E punham-nas à margem da sua convivência!

Ah! Então, a mulher valia apenas como um «bibelot», como a joia rara a quem os poetas teciam madrigais em noites luarentas, como as gravuras emolduradas num lindo livro de histórias. Limitava-se a sorrir, a cuidar da sua beleza, a saber de cor os preciosismos de todos os sonetos de amor, a envaidecer-se dos galantes pensamentos escritos nos seus leques arrendados, enfim, a viver no tempo sem preocupações, sem ansiedades.

Boneca amimada, figura decorativa, mascote cara que, não raras vezes, custava vidas e sangue!

Mas um dia, uma grande guerra ensangüentou o mundo. Os homens correram para os campos de batalha, deixando atrás de si, vagas que necessitavam de ser preenchidas. A vida não podia parar e as mulheres foram obrigadas a preencher essas vagas. A grande guerra durou quatro anos. Quatro anos de dores e de sacrifícios, de ruína e de angústia, de desilusão e de incerteza. Quatro anos que foram de experiência decisiva para a mulher.

Arrancada ao seu mundo de fantasias, empurrada para o turbilhão das lutas, compreendendo que arcaiva sobre os seus ombros frágeis, a responsabilidade desse mundo que ficava para aquém dos campos de combate — ela viu-se, de repente, numa situação delicada e perigosa, tão delicada e tão perigosa que a transformou por completo.

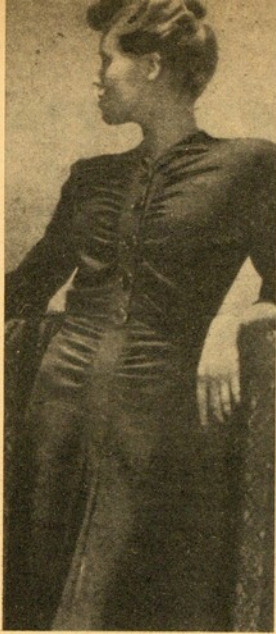
Lembrou-se então, daquelas mulheres exemplares, de cujo nome e de cujo esforço havia desdenhado. E só então compreendeu, quanto elas valiam, quanto valia a herança de estoicismo e de abnegação, de vontade e de energia, de bondade e de inteligência, que elas tinham legado ao mundo. E rendeu o seu preito de homenagem e criou uma alma nova.

Com as suas lágrimas, com o seu sofrimento, com a sua angústia, ela forjou o carácter da mulher de hoje. 1914... 1918... Quatro anos em que a mulher viveu um mundo de tragédia, de catástrofe, de brutalidade, mas do qual safu verdadeiramente mulher!...

É por isso que acredito e conto com a mulher de hoje. Esta guerra, ainda mais brutal, ainda mais trágica, vai, decerto, revelar a verdadeira personalidade da mulher no mundo. Melhor, está já a revelar essa personalidade.

A mulher moderna — a mulher culta, que tem entrada livre nas escolas, que tem acesso a todas as funções do homem — pode tanto como êle. Sem esquecer o seu papel singular dentro da maternidade, ela tem direito a tudo aquilo a que o homem tem direito. E da sua inteligência e da sua bondade e do seu natural instinto de carinho — talvez muito de benéfico surja para o mundo de amanhã!

MARIALIA



LEITORA:

AQUI estão dois modelos elegantes e esplêndidos para a Primavera que está a chegar. Se gosta deles, tanto melhor.

O primeiro, de lã muit fina, é mais cerimonioso e duma esplêndida correcção de linhas. Como adôrno sóbrio, mas distinto, apenas o trabalho que se vê na gravura.

Quanto ao segundo, tão primoroso como prático, é um vestido de lã xadrez azul e branco, saia franzida e um corpo de «tricot» azul marinho.

Nada mais simples e de tão agradável conjunto.

A RECEITA DA SEMANA

PAESINHOS RECHEADOS

COM cem gramas de fermento de padaria (massa de pão guardado da véspera), 250 gramas de farinha de trigo, oito ovos, sal, uma chávena de gordura de porco derretida ou

manteiga e leite. Amassa-se até que se despregue das mãos e possa ser batida até ficar bem lisa. Deixa-se descansar por uma hora. Depois, enrola-se na tábua enfarinhada e corta-se com um copo pequeno. Com uma faca abrem-se essas bolinhas e põe-se dentro delas rodas de salsichas ou lingüiça envolvidas em manteiga. Arrumam-se os paesinhos assim preparados em bandejas forradas de manteiga e leva-se ao forno para assar, tendo-se antes pincelado com uma gema de ovo desmanchada com uma colherinha de água.

Reserve 5 minutos para a sua estética!

INCO minutos apenas! Não é muito.

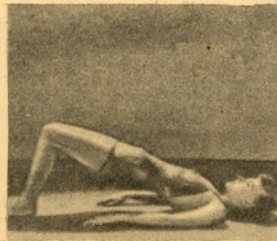
Qual de nós se julga incapaz de arranjar, por mais encargos que tenha, uma tão insignificante fração de tempo, para cuidar da nossa linha moderna?

Todas, é certo, poderemos reservar esses minutos, mas o que não temos, por vezes, é disposição.

Pois bem. Quando ela falta, lutemos para a readquirir. E muito principalmente se andamos pouco durante o dia, ou temos tendência para enfiar.

Estes quatro fases de ginástica caseira fáceis de executar e de óptimos resultados.

Aproveitem-nas e não esqueçam: a hora é de movimento e leveza!...



Mrs. Roosevelt, um símbolo!

ESTA mulher de aspecto imponente e severo, tem um coração de ouro. Assim o dizem milhares de crianças, assim o dizem as suas mães, assim o diz todo o povo americano. Ela já deve ser vossa conhecida. É Mrs. Roosevelt, mulher e companheira inteligente do Presidente da América do Norte.

Mrs. Roosevelt é bem um exemplo para a mulher moderna!...

Duma actividade espantosa, não tem um momento de descanso. A causa dos Estados Unidos é a sua causa. Escreve em jornais, fala pela rádio, acompanha o marido passo a passo, gesto por gesto, em todos os problemas que a situação actual lhe pede para resolver.

Sem descuidar o seu lar, que acarinha com um interesse absolutamente feminino, ela trabalha ao lado do Presidente Roosevelt, discutindo assuntos de interesse político, ajudando a levantar a moral do seu povo e, sobretudo, em campanhas de fins beneméritos onde revela todo o seu amor pelos pobres e pelos desprotegidos da sorte.



Sinal



trata os grandes problemas que agitam a Europa e o Mundo!

SINAL — revista moderna da nossa época! das Ilustrações

Est. 2500

APRENDA LÍNGUAS



Com os cursos completos em **DISCOS**
O ensino mais rápido, perfeito e económico

Milhares de pessoas têm seguido este método com absoluto êxito. Não há outro que permita em curto espaço de tempo, com pouco esforço e despesa mínima, adquirir pronúncia impecável, vocabulário abundante e prático para falar e escrever correctamente.

DETALHES E DEMONSTRAÇÕES
— NOS —
EST. VALENTIM DE CARVALHO
Rua Nova do Almada, 97

HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 27)

êste poder ser utilizado antes que o exército alemão dominasse o exército vermelho e fizesse desaparecer a última possibilidade de constituir, por um desembarque no continente, a segunda frente de batalha na Europa.

TRES VIAS DE COMUNICAÇÃO

Das três vias de comunicação que podiam ser utilizadas para êsse efeito, a que conduzia a Murmansk, no Ártico, a que conduzia aos portos iranianos no Golfo Pérsico, e a que conduzia a Vladivostock, no Pacífico, apenas a primeira oferecia possibilidades duma utilização imediata. Mas essa utilização implicava a resolução prévia duma série de problemas de grande alcance e exigia que fossem removidas dificuldades, quasi insuperáveis naquela altura.

É preciso não esquecer que os Estados Unidos ainda não tinham entrado na guerra e que a corrente isolacionista continuava a contrariar todos os actos que pudessem precipitar a intervenção do seu país. A produção de guerra britânica tinha de ser utilizada no Próximo Oriente, no Extremo Oriente, em África e na Metrópole. Essa produção era naturalmente reduzida, dada a capacidade demográfica da nação inglesa, mesmo quando consideramos a totalidade da população da Metrópole e dos Domínios a qual não excede a cifra dos setenta milhões. Criar e alimentar uma nova fonte de consumo, com as exigências da frente russa, era uma questão delicadíssima e de difícil solução.

Tornava-se necessário organizar e proteger os combóios que deviam percorrer a rota ameaçada do Ártico. Tornava-se necessário distrair uma parte da produção destinada à satisfação das exigências próprias para um teatro de operações a respeito do qual reinava uma incerteza compreensível. Tornava-se, em última análise, necessário acompanhar essas decisões militares de decisões políticas da maior importância, escolhendo entre a possibilidade duma paz separada com o Reich, que a missão de Rodolfo Hess tornava possível, e o prosseguimento da luta sobre a base da aliança militar russa, única realidade tangível que se suscitara depois de se terem afundado as esperanças que, sucessivamente, tinham sido depositadas pela Grã-Bretanha na resistência dos países continentais que um a um foram vencidos: Polónia e Noruega, Países-Baixos e França, Jugoslávia e Grécia. Da natureza dessa decisão dependia, com a evolução da guerra, o futuro do mundo. Sabemos agora em que sentido ela se orientou.

TELEF. 910244
TELEF. PAPELARIA

Papelaria
Carlos
de Carlos Ferreira, Lda

SECCOES DE VALORES/TELADO/ E TABAGARIA

ESTABILIDADE EM LIVROS PARA ASSINANTEADO ESPECIALIZADO

GRANDE SURTI DO DE ARTIGOS PARA DESENHO E ESCRITORIO

RUA DO OURO, LISBOA

UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardores na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



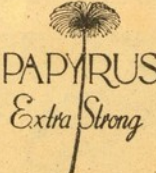
PAPYRUS

PAPYRUS — O melhor papel para escrever
PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
PAPYRUS — O melhor papel para cartas

À venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:
Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)
Rua dos Correios, 70
LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854



VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Composição e impressão: Bertrândi (Irmãos), Lda, — T. Condições do Rio, 27 — LISBOA

★ PASSATEMPO ★

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

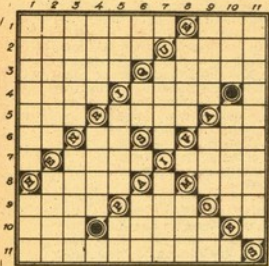
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 19

Por: Augusto Teixeira Marques
Lisboa



ENUNCIADO

Horizontais: 1) Rebutar; cabe-
los brancos — 2) Relatar; de alto
preço — 3) História; finjam — 4)
Mãe (na língua infantil); pacote
5) Ovario de peixes; sentinela;
símbolo químico da platina — 6)
Batráquio; nota musical; vanta-
gem — 7) Saco de couro; modo
do verbo vir — 8) Mentira; actuel
— 9) Habita; preposição; prep.
e artigo — 10) Ligue; flores — 11)
Assedaram.

Verticais: 1) Encanta; in-
sedição — 2) Remedava; cântaro — 3) Sus-
tentáculo; oportunidades — 4) Can-
tiga; calça de madeira, revestida de
couro — 5) Nota musical (plur.);
herdade; lado da pópa — 6) Pare-
cência; nome de letra; astro — 7)
Calosidade; esticada — 8) Gruda;
grande porção de líquido — 9) Ou-
sadia; carlinga; sem defeito —
10) Medida agrária; ruga — 11)
Totalidades.

Nota: O autor dedica o presente
problema ao seu amigo e Chefe
da 6.ª Subsecção, da Federação
Nacional dos Produtores de Tri-
go, Ex.º Sr. Henrique de Paiva
Simões.

PROBLEMA N.º 18

(Solução)

Horizontais: 1) Apararam; cava
— 2) Colarel; mares — 3) Avaros;
sacura — 4) Moras — decorar — 5)
País; corrais — 6) Ara; marrara
— 7) Da; dar; ama; ar — 8) Des-
mande; ama — 9) Capacão; atam
— 10) Tomarão; amora — 11) Ade-
res; abalar — 12) Lojas; amarara
— 13) Asar; acamaram.

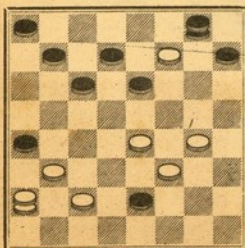
Verticais: 1) Acompanh; tala —
2) Povoara; codos — 3) Alaria;
dameja — 4) Raras; deparar — 5)
Aros; mameares! — 6) Res; cara-
ças — 7) di; dor; não; A. C. — 8)
Serrado; ama — 9) Macrame; abam
— 10) Caçoara; amara — 11) Ara-
ria; atolar — 12) Veras; amarara
— 13) Asar; gramaram.

DAMAS

PROBLEMA N.º 14

Concurso

Por: Fernando Pereira
Póvoa do Varzim



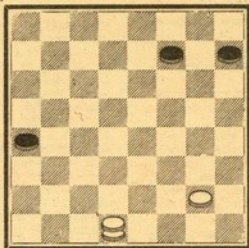
Jogam as brancas e ganham

FINAL DE JOGO N.º 2

Concurso

Por: Luis António David
Lisboa

Dedicado a Francisco A. Henri-
ques, de Almeirim.

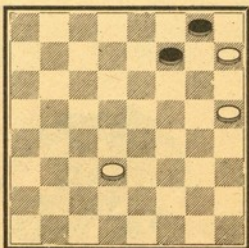


Jogam as brancas e ganham

FINAL DE JOGO N.º 3

Concurso

Por: cap. Evaristo António Borges
Póvoa



Jogam as brancas e ganham

Nota: É um dos finais que se
podem deixar empatar com a
maior facilidade e que, por vezes
se nos depara no campo prático.
Temos a honra de dedicar este
final de jogo ao nosso particular
amigo, Ex.º Sr. Augusto Teixeira
Marques.

SOLUÇÕES

PROBLEMA N.º 10 (Concurso)
9—13 19—22 24—2 2—9—31
18—9 9—27 31—24 P. g.

PROBLEMA N.º 11 (Concurso)
13—18 16—20 8—15
22—13 29—19—10—1 31—22
15—26—17—6—15 g.
P.

PROBLEMA N.º 12 (Concurso).
5—10 2—5 23—28 28—31
31—24 9—2 (D) 2—11—20 13—6
31—13—16—27 g.
P.

PROBLEMA N.º 13 (Concurso)
19—28 14—21 11—14 4—8
27—12 17—26 32—23 1—19
8—29 g.
P.

FINAL DE JOGO N.º 7

Por: Francisco Henriques
Almeirim

6—20 20—30 30—27
10—17 25—21 P. g.

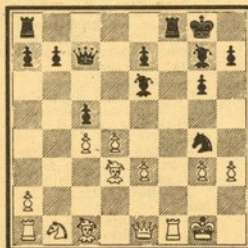
Nota: Este final apresenta uma
idéia temática já conhecida, con-
jugada, porém, com novo elemen-
to: Bloqueio da «dama» com auto-
obstrução.

Não fôsse o motivo artístico
que oferece, e o final pouco inter-
resse teria, dada a sua simplici-
dade e a pouca probabilidade de
ocorrer no jogo prático.

XADREZ

MOMENTO CRÍTICO (N.º 4)

Que jogaria nesta ocasião!



Jogam as pretas.

MOMENTO CRÍTICO (N.º 3)

Solução

Partida Wolhuis — Wijnans:
P5AR+! e ganham.

CHARADAS

Sincopadas

1) Nunca é demasiado o amor
que podemos ter ao nosso ní-
nho. 3-2
2) Um advogado deve mos-
trar-se sempre risonho. 3-2
3) Vontade de vencer: divisa
dum ânimo forte. 3-2

Apocopadas

4) Nos embates da vida, o mais
forte passa sempre. 2-1
5) Aproveitar tudo o que é be-
néficio e útil; eis um dever da
hora presente. 6-4
6) O cavador, nesta época de
crise, deve dedicar todo o seu vi-
gor à agricultura. 3-2

Epenéticas

7) Os ignorantes, se se instruí-
sem, deixariam de ser pernicio-
sos. 2-3
8) Já nos fatiga ver a luta que
ensanguenta o mundo. 2-3
9) O bojal procede sempre com
imprudência. 2-3

QUADRO MÁGICO D E 16 CARTAS

Colocai os quatro reis, as quatro
damas, os quatro valetes e os qua-
tro dez de um baralho de cartas
num quadrado tal que em cada li-
nha, em cada coluna e em cada
diagonal haja um rei, uma dama,
um valete e um dez de naipe dife-
rente.

Soluções do n.º 147

1) Nojosos. 2) Granados. 3) Me-
lindre.

PROVÉRBIOS A ADIVINHAR

Soluções

Cada terra com seu uso, cada
roca com seu fuso.
Candea que vai à frente atui-
mia duas vezes.

Homem prevenido vale por dois.

Ventura
apaixonado
Por ZÉCO



— Ai, D. Virginia Imaculada, não calcula
quanto me sinto desventurado perante a sua
indiferença...



...Havendo sôbre a terra 2.124 milhões de
habitantes e andando à volta de 1.019 milhões
de população feminina, dêsses 1.019 milhões de
mulheres é a vós, somente, que eu amo...



...Julgai, agora, da imensidade do meu
amor...



A lição do "Vagabundo"

por RUY DE SEQUEIRA NAZARÉ

• ILUSTRAÇÃO DE RUDY

Quando o velho se aproximou, passo grave e enstupidado, daquele grupo de garotos, as crianças não o cumprimentaram como de costume, acercando-se para lhe puxarem as esfarrapadas mangas do casaco, enumerarem-lhe os novos buracos do chapéu e gritarem em coro: «O velhote é um grande ponto».

Orgulhava-se de ouvir estas e outras palavras, e de tudo quanto os rapazes faziam, durante o intervalo das aulas, no amplo largo da escola, que se diria um planisfério em miniatura.

As ervas e as torgas aí cresciam livremente, desenhando sobre a terra seca, cinzento-escuro, queimada pelo sol equatorial, contornos de arquipélagos, penínsulas, ilhas e lagos. E, quais notas estranhas espalhadas num pentagrama musical, aqui e além acácias e palmeiras se ergulam, majestosas no porte mas indiferentes à palpitante vida das cercanias.

O anção costumava passar pela escola à hora do intervalo, entre as dez e as onze da manhã. Encostado a uma árvore, gostava de se ver rodeado pelo rapazado, toterando toda a espécie de brincadeiras, até as gracolhas de mau gosto.

Uma vez revoltara-se contra o professor que, assomando à larga janela da sala da classe, mandara recolher os seus alunos castigando-os com palmatoadas. Foi como se ele próprio houvesse recebido o castigo. Procurou então o mestre e pediu-lhe que não tornasse a castigar as crianças.

«Não posso consentir que elas o desrespeitem, senhor» — explicou-lhe aquêle, dando-se ares de ter razão. Aqui também as ensinso a conhecerem a moral e a educação, acrescentou.

«Mestre — bradou o homenzinho — guardai a sua moral e a sua educação para a hora da aula, e deixai os rapazinhos proceder comigo como lhes apetece; considero-os minhas eternas andorinhas de primavera nestes meus penosos anos inverniaes. Permitti, senhor, que elas joguem à bola com o meu chapéu e se riem dos remedos do meu fato. Ou é só na escola que se aprende, o que lhes fica por aprender lá fora?»

O professor nunca mais repreendeu por causa do velho os seus alunos. Dia a dia, este lhes consagrava mais amizade e carinho. Dos olhos — calmos e fatigados olhos de velhice — desprendiam-se centelhas de amor, tão puro, tão imaterial como a luz da manhã que inebriava aquelas almas infantis, — as «suas andorinhas».

Nesse dia, porém, nem o Zézinho, o mais querido de entre os colegas, foi ter com êle — o Zézinho, que quasi se encavallava nas suas costas, ainda fortes, sacudindo-o todo para ouvir «uma anedota», com tais insistências que parecia um leãozinho a mordiscar no dorso da mãe.

Alguma coisa se passava de anormal. A algazarra infantil não souo aos ouvidos do anção como um canto de avezinhas mas como gritos de homens de balonetas em punho.

Aproximou-se quanto pôde, cautelosamente, para não ser descoberto, do exame de amiguinhos. Franzlu a testa perante o que viu: um grande cão, ferido, magro e cheio de sardas — cão sem dono certamente — estava a ser espancado pelos rapazes, no meio de frenéticas gargalhadas e selvática animação. Ressentido, o idoso homem olhou-os a todos um por um. O Chico, armado em «boxeirs» esmurrava o focinho ao animal.

«Vamos atar-lhe uma corda ao rabo», lembrava António; o Zézinho tentava montá-lo dando-lhe pontapés no abdômen; os outros companheiros ora de roda, ora disputando a vez aquêles, berravam:

«Cheguem-lhe mais!»

De todos foi o «Tintas» quem primeiro reparou no visitante e, como visse duas grossas lágrimas nas rugosas faces do velho amigo, deixou de gritar e bater no cão.

«És um plegas» — bradaram os outros — já estás fatigado». Mas os «Tintas» não os ouvia. Apontou para o velho. Os rapazes abandonaram o cão, calaram-se, abriram alas; olhos postos nos orvalhados olhos do anção que, mudo como o tronco da árvore a que se apoiara, se diria desconhecê-los e fitá-los pela primeira vez.

«Porque choras?» — perguntaram-lhe em conjunto.

«Vieste estragar o nosso intervalo», exclamou o Chico, coçando a cabeça. Mas Zézinho não o deixou prosseguir:

«Cala-te, não vês que êle está a chorar?... Porque choras, velhote, tens fome?». O velho sem responder, abeirou-se do animal que até ali permanecera no mesmo lugar, erguendo o olhar como se dêle dimanasse esta mensagem: — «até que enfim encontrei um amigo».

Pegando-lhe ao colo, o anção voltou para a sombra da árvore. Sentou-se no chão com dificuldade, sem abandonar o fardo vivente das mãos. Os garotos entreolharam-se. Esqueciam-se que a sinêta os chamaria daí a um quarto de hora. Não pensaram sequer em continuar a brincar.

«Porque choras?»

O velho não respondeu. Afagava o animal com a mesma ternura com que uma mãe compõe o cabelo ao seu filhinho.

«Hás-de dizer por que choras. Não saímos daqui enquanto não falares».

O velho continuou calado.

«Exigimos-to!».

Esta palavra na bôca de Zézinho souo ao apêlo de um grilo na noite, impertinente por ser escutado pelo mais surdo dos homens. Finalmente o anção exclamou:

«Porque choro?... Porque vejo que os meus amiguinhos deixaram de ser as minhas andorinhas para se transformarem num bando de abutres!»

Seguiu-se um silêncio feito ninho de contrição. E nele se recolheram, subtils, as asas desses seres infantis.

E as bó-as aclararam levemente quais tímidas corolas bafejadas pelo vento. Lento, retirou o velho da algibeira esbu racada um pedaço de negro pão, envolvido no que fora um lenço. Enxugou as lágrimas e limpou a baba ao focinho do cão. Deu-lhe de comer e arrecadou os restos. «Vagabundo» foi a única palavra que disse, baixinho, mas as crianças o ouviram.

«Vagabundo? O que é isso?».

«Leylanis, retorquiu.

«O velhote estará doído?»

«Vagabundo» é uma palavra... um nome, se quiserem... Lembram-se da história de Ali-Babá e os Quarenta Ladrões? Pois bem. «Leylanis» é para mim o «sobre-te Sésamol» da tumba de recordações, da porta que se fechou sobre o meu passado. Uma só palavra é, por vezes, suffi-

ciente para... — para abrir — o dique às nossas saúdaes».

«Mas o que é uma tumba?» — indagou Zézinho.

«Aquilo que se não deve violar... o lugar da paz eterna... e onde conservamos tudo que nos é querido... aí onde não chegam nem os insultos dos homens nem os coros dos anjos. É por isso que nun-a vos falei do meu passado. Mas hoje... Querem ouvir uma história?»

Ah, se queriam! Os garotos acomodaram-se, uns de cócoras, outros enfiando o braço no do vizinho companheiro. O Tónio optou para os colegas:

«O nosso professor tem uma tumba. Sim, é a lata de chocolates que não há meio de abrir».

* * *

«Sêl que falta pouco tempo para a aula começar. Serêl breve», — declarou o velho. O cão saltou do seu colo e sentou-se, perto, com certa dignidade de ouvinte respeitador.

«Houve, em tempos, um homem muito mau e desconfiado. Na aldeia onde vivia ninguém dêle se aproximava, e todos o maldiziam com prazer. A quem o cumprimentasse ou tentasse falar-lhe, retribuía com desprezo, seguindo arrogante o seu caminho. Parecia que toda a aldeia era pertença sua e os seus contemporâneos, seres abjectos e intocáveis».

O «Tintas» perguntou nesta altura:

«O que é abjecto?»

O velho fingiu não ouvir porque se arrependera de haver pronunciado tal vocabulo cuja aplicação, para êle, se tornara, havia muito, inexistente na natureza e na vida. E a sua voz de timbre grave, melodioso, prosseguiu nestes termos:

«Tal homem, como não podia deixar de ser, vivia só. A sua casa ficava num sitio pou-o frequentado, nas trazeiras do cemitério. Dizia-se até que êle matara a mulher e contraíra pacto com o demónio, e que por isso não se dava com as pessoas da aldeia».

(Continua na pág. 22.)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TEL. P. B. X. — 2 5844